



A relação entre os maus-tratos infantis e as estratégias de regulação emocional em adultos: uma Revisão Sistemática da Literatura

VERSÃO FINAL APÓS DEFESA

Ana Cláudia Pereira Morais

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof.^a Doutora Ludovina Maria de Almeida Ramos

março de 2025

Declaração de Integridade

Eu, Ana Cláudia Pereira Morais, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M12657 de Psicologia Clínica e da Saúde da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 19 / 03 / 2025

ANA MORAIS

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o maior agradecimento é para as pessoas que tornaram todo o meu percurso académico possível, os meus pais Maria de Lurdes e Hélder. Foram eles que sempre apoiaram as minhas decisões e contribuíram tanto financeiramente como emocionalmente para que conseguisse ir atrás dos meus sonhos. Deram-me força, amor, acreditaram sempre em mim e a eles, devo-lhes tudo.

Agradecer à minha Prof.^a Dra. Ludovina Ramos, que me acompanhou, não só neste projeto mas ao longo do meu percurso académico. Obrigada por todas as reuniões, os conselhos, a ajuda e acompanhamento que me deu. Sem si, não seria possível.

Um obrigada aos meus avós maternos Elisa e Manuel, por acreditarem em mim e no meu potencial. Obrigada por todo o carinho que me deram, tanto por palavras ou representado num tupperware de comida que aquecia o meu coração.

Aos meus avós paternos Edmundo e Ângela, que embora não me possam ver a terminar esta etapa, contribuíram muito para que eu conseguisse chegar aqui.

Às melhores amigas que a Covilhã me deu, Márcia, Leonor, Celeste e Eva, por estarem sempre lá para mim, especialmente quando mais precisei. Obrigada por todas as palavras e momentos que partilhámos juntas. Este percurso não seria o mesmo sem elas.

Aos melhores amigos conterrâneos Tomás, Leandro, Ramos, Tiwi e Matilde. Obrigada por me acompanharem nesta jornada e por todos os momentos de descontração. Foram a lufada de ar fresco necessária.

Resumo

Os maus-tratos infantis afetam diversas áreas da vida de uma criança, assim como impactam o seu desenvolvimento normativo. A presente revisão sistemática da literatura tem como objetivo compreender a relação entre maus-tratos infantis e as estratégias de regulação emocional em adultos. Para conduzir a revisão, utilizou-se o modelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*). A pesquisa dos artigos científicos foi realizada nas bases de dados *Scopus*, *PubMed* e *Web of Science*, com um intervalo de tempo entre 2019 e 2024. No total foram incluídos 12 artigos científicos. Em termos gerais, os resultados suportam a existência de uma associação positiva entre maus-tratos infantis e adoção de estratégias de regulação emocional desadaptativas, como a supressão e a ruminação. Além disto, os maus-tratos infantis foram também associados a maiores dificuldades de regulação emocional e menor uso de estratégias adaptativas, como a reavaliação cognitiva. Salienta-se ainda a importância do papel dos cuidadores no desenvolvimento emocional das crianças.

Palavras-chave

maus-tratos infantis, abuso infantil, regulação emocional, estratégias de regulação emocional, estratégias adaptativas, estratégias desadaptativas

Abstract

Childhood maltreatment affects many areas of a child's life, as well as, impacts their normative development. This systematic literature review aims to understand the relationship between childhood maltreatment and emotional regulation strategies in adults. To conduct the review, the PRISMA model (Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses) was used. The search for scientific articles was carried out using Scopus, PubMed and Web of Science databases, with a time interval between 2019 and 2024. In total, 12 scientific articles were included. Overall, the results support the existence of a positive association between child maltreatment and the adoption of maladaptive emotion regulation strategies, such as suppression and rumination. Furthermore, childhood maltreatment was also associated with greater difficulties in emotional regulation and less use of adaptive strategies, such as, cognitive reappraisal. The importance of the role of caregivers in the emotional development of children is also highlighted.

Keywords

childhood maltreatment, childhood abuse, emotion regulation, emotion regulation strategies, adaptive strategies, maladaptive strategies

Índice

Declaração de Integridade	iii
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Palavras-chave	vii
Abstract	ix
Keywords	ix
Lista de Figuras	xiv
Lista de Tabelas	xvi
Lista de Acrónimos	xviii
Introdução	1
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico	3
Regulação Emocional	3
Modelo do Processo de Regulação Emocional	4
Estratégias de Regulação Emocional	10
Reavaliação Cognitiva	10
Aceitação	10
Evitamento	11
Ruminação	11
Supressão	11
Distração	11
Estratégias de Regulação Emocional Adaptativas e Desadaptativas	11
Regulação Emocional em Adultos	12
Maus-Tratos Infantis	13
Consequências dos Maus-Tratos Infantis	13
Tipos de Maus-Tratos Infantis	14
Abuso Físico	14
Negligência	14
Abuso Sexual	15

Abuso Emocional	15
Exploração Comercial ou Outra	15
Relação entre Regulação Emocional e Maus-Tratos Infantis	15
Capítulo 2 – Metodologia	18
Métodos	18
Questão de Investigação	19
Crerios de Inclusão e Exclusão	19
Localização dos Estudos	20
Seleção dos Estudos	21
Avaliação da Qualidade dos Estudos	26
Capítulo 3 – Resultados	30
Características dos Artigos	41
Resultados Obtidos	42
Capítulo 4 – Discussão	47
Limitações	55
Considerações Finais	56
Referências	57
Anexo(s)	69
Anexo 1	70

Lista de Figuras

Figura 1 - Modelo do Processo de Regulação Emocional

Figura 2 - Modelo Modal da Emoção

Figura 3 - Modelo Modal da Emoção ao Longo do Tempo

Figura 4 - Processo de Avaliação

Figura 5 - Fluxograma da Identificação dos Estudos para a Revisão Sistemática da Literatura - PRISMA 2020 *Flow Diagram*

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Questão de Investigação Segundo o Método SPIDER

Tabela 2 – Bases de Dados e Equação de Pesquisa

Tabela 3 - Critérios de Elegibilidade dos Artigos Submetidos para Leitura Integral

Tabela 4 - Avaliação da Qualidade Metodológica dos Estudos

Tabela 5 - Extração dos Resultados Obtidos nos Artigos Incluídos

Lista de Acrónimos

ERE	Estratégias de Regulação Emocional
MTI	Maus-Tratos Infantis
PHDA	Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção
PPB	Perturbação de Personalidade Borderline
	<i>The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-</i>
PRISMA	<i>Analyses/ Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-</i> Análises
RSL	Revisão Sistemática da Literatura

Introdução

Atualmente é consensual, e à luz daquilo que a investigação nos tem mostrado, que o nosso bem-estar está relacionado com as nossas emoções (Gross, 2002) e, neste sentido, muitos investigadores direcionam os seus esforços e preocupações para a tentativa de reduzir a experiência de emoções negativas, assim como o aumento das positivas, através do controlo comportamental e/ou mental (Gross, 1998).

Neste enquadramento, a regulação emocional detém um papel fundamental, uma vez que esta se refere à tentativa de influenciar emoções em nós próprios e nos outros (McRae & Gross, 2020), quando e como as expressamos, para que melhor sirvam os nossos objetivos (Gross, 2002). Em termos gerais, regulação emocional consiste nos processos ou estratégias cognitivas e comportamentais de forma a gerir as respostas emocionais a uma experiência externa ou interna (Gruhn et al., 2020; Snow et al., 2022). Estes processos podem, ainda, ser automáticos ou controlados (Gross, 1998; Gruhn et al., 2020) e conscientes ou inconscientes (Gross, 1998). De acordo com um dos modelos mais difundidos e investigados, o Modelo do Processo da Regulação Emocional (Gross, 1998, 2002) foram distinguidas cinco famílias de estratégias de regulação emocional (ERE): seleção da situação; modificação da situação; mobilização da atenção; mudança cognitiva; e modulação da resposta (Gross, 1998, 2002; McRae & Gross, 2020). Mais precisamente, e neste contexto, é especificada uma variedade de estratégias, entre elas o evitamento, a distração, a ruminação, a reavaliação cognitiva, a supressão expressiva, entre outras (McRae & Gross 2020).

Quanto aos maus-tratos infantis (MTI), estes exercem uma influência em diversas facetas da vida da criança, podendo afetar ou perturbar a mesma ao nível do seu desenvolvimento físico, social e emocional (Snow et al., 2022). Os maus-tratos infantis agregam diversas categorias desde física, verbal ou emocional e sexual (Horswell et al., 2012) e a Organização Mundial da Saúde, em 1999, definiu cinco subtipos de maus-tratos infantis incluindo o abuso físico, o abuso sexual infantil, a negligência ou tratamento negligente, o abuso emocional e a exploração comercial ou outra, quando a criança está sob o controlo de um pai/mãe ou pessoa em posição de responsabilidade, poder ou confiança (Simkiss, 2004).

A relação entre experiências de trauma precoce e saúde mental adulta, em certa parte, é influenciada pela regulação emocional (Snow et al., 2022), pelo que os maus-tratos infantis estão associados a uma fraca capacidade de regulação emocional, conduzindo a resultados negativos na saúde mental (Gruhn et al., 2020). Os jovens

podem, não só, não conseguir adquirir estratégias de regulação adaptativas, como a aceitação e reavaliação cognitiva (Snow et al., 2022), mas também aprender estratégias desadaptativas como o evitamento e a negação (Gruhn et al., 2020). Ademais, o *National Center on Child Abuse and Neglect* estima que 37% das crianças que sofreram de abusos, acabam por desenvolver uma doença crónica ou necessidade especial que irá requerer terapia contínua (Horswell & Istfan, 2012).

Tendo por base o exposto, é crucial perceber e investigar de que maneira é que as primeiras experiências de stress e as respostas associadas podem estar relacionadas a alterações no desenvolvimento da criança ao longo do tempo. Compreender a relação entre estas vivências de abuso inicial e as estratégias de regulação emocional, é fundamental para que possa ser possível dirigir esforços preventivos (Gruhn et al., 2020). Nesta visão, justifica-se a exploração e importância deste tema, cujo objetivo visa analisar o estado da arte sobre as variáveis acima descritas, sistematizar o que a literatura contém sobre as mesmas e, com base nisto, desenvolver um trabalho que permita auxiliar e direcionar esforços preventivos para crianças vítimas de maus-tratos.

Este estudo é compartilhado em diferentes capítulos e secções. Inicialmente, é apresentado um enquadramento aludindo às variáveis que vão ser alvo de análise e exploração, nomeadamente a regulação emocional, o Modelo do Processo da Regulação Emocional, diferentes estratégias de regulação emocional, regulação emocional em adultos, maus-tratos infantis e as suas consequências, os vários tipos de maus-tratos infantis e, por fim, a relação entre regulação emocional e maus-tratos infantis.

De seguida, está presente um capítulo mais empírico no qual são apresentados o tipo de metodologia aplicado para conduzir a revisão e os seus objetivos, a questão de investigação, os critérios de inclusão e exclusão definidos, como foi feita a localização e seleção dos estudos e a avaliação da qualidade dos mesmos.

Posteriormente, no terceiro capítulo encontram-se os resultados obtidos nos artigos incluídos na revisão sistemática da literatura (RSL), assim como algumas características dos mesmos.

Finalmente, o último capítulo diz respeito à discussão, onde os resultados são analisados e interpretados de acordo com os objetivos do presente trabalho, assim como são relacionados com a literatura existente.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

Este primeiro capítulo, corresponde à caracterização dos vários temas que serão abordados ao longo da revisão sistemática da literatura. Primeiramente, é explorada a regulação emocional e as várias componentes da mesma. Por conseguinte, o Modelo do Processo da Regulação Emocional é apresentado de forma explícita, auxiliando com imagens para uma melhor compreensão. Segue-se uma breve descrição de várias estratégias de regulação emocional, entre elas, a reavaliação cognitiva e a supressão. Mais à frente, é abordada a regulação emocional em adultos e é feita uma descrição do significado de maus-tratos infantis, assim como das consequências que advêm dos mesmos e os vários tipos de maus-tratos. O enquadramento finaliza com uma abordagem à relação entre regulação emocional e maus-tratos infantis.

Regulação Emocional

A regulação emocional pode ser definida pela tentativa de as pessoas influenciarem o momento em que determinada emoção ocorre, assim como a maneira como a experienciam e expressam (Gross, 1998, 2002; Gruhn & Compas, 2020), não só em nós próprios, mas também nos outros (McRae and Gross, 2020). A regulação emocional é caracterizada assim pela capacidade de alterar ou manter emoções, tal como a intensidade das mesmas (Riediger & Bellingtier, 2022). É responsável também pela gestão e organização de emoções, de modo que o indivíduo consiga alcançar os seus objetivos (D'Agostino et al., 2017) ao modificar o seu estado emocional (Gruhn & Compas, 2020). A tentativa de aumentar ou diminuir emoções positivas ou negativas pode ser realizada através de processos tanto conscientes como inconscientes (Dvir et al., 2014; Gross, 1998, 2002; Gross & Thompson, 2007;) e automáticos ou controlados (Dvir et al., 2014; Gross, 1998; Gross & Thompson, 2007; Gruhn & Compas, 2020).

Regular as emoções é um procedimento essencial para o bem-estar e saúde dos indivíduos (Gross, 2002, 2015b) e é determinante na aquisição de competências a nível emocional que se estende ao longo de toda a vida humana (Cole et al., 2019). A regulação é dirigida, não só para aumentar, diminuir ou manter emoções negativas, mas também positivas (Gross, 1998, 2002, 2015a; Gross & Thompson, 2007; McRae & Gross, 2020). Dito isto, existem emoções que são contraproducentes quando a sua ocorrência, durabilidade e intensidade afetam negativamente os pensamentos e comportamentos do indivíduo e, é nessas ocasiões que a regulação emocional desempenha um papel indispensável (Gross, 2015a).

A regulação emocional assume duas vertentes: a intrínseca e a extrínseca. Na regulação intrínseca, a pessoa dirige os seus esforços para regular as suas próprias emoções e, na segunda, o foco é a tentativa de regular as emoções de outra pessoa, e não do próprio (Gross, 2015a, 2015b; Gross & Thompson, 2007; McRae & Gross, 2020).

Para que a regulação emocional aconteça, é necessária a utilização de estratégias de regulação emocional. Existem um número alargado de estratégias de regulação emocional (Gross, 2002), tais como a aceitação e a reavaliação cognitiva, que serão exploradas em maior detalhe posteriormente (D'Agostino et al., 2017). De entre a ampla variedade de estratégias de regulação emocional não existe uma que seja eficaz em todas as circunstâncias, pelo que o uso das mesmas deve ser feito de forma flexível, de maneira a adaptá-las às diferentes ocasiões (Ion et al., 2023).

Algumas pessoas podem entender que a desregulação emocional é o contrário de regulação emocional. No entanto, a desregulação emocional é caracterizada pela administração inapropriada ou desadaptativa de estratégias de regulação emocional (D'Agostino et al., 2017) que perfazem um desenvolvimento menos saudável (Cole et al., 2019).

Um modelo amplamente utilizado para compreender a regulação emocional é o Modelo de Processo da Regulação Emocional, desenvolvido por James Gross (2015b), o qual será apresentado e descrito com maior detalhe no tópico seguinte.

Modelo do Processo da Regulação Emocional

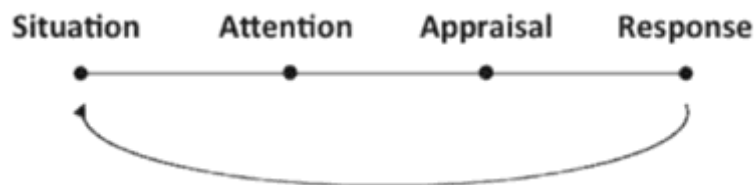
Para compreender melhor o que é a regulação emocional, é necessário entender o que ela regula. As emoções estão presentes em todos os seres humanos e, de entre os vários contributos, auxiliam a interpretar comportamentos e relações interpessoais. No entanto, podem ser prejudiciais para o indivíduo, quando a sua intensidade ou tempo em que ocorrem não é o desejado. Sendo assim, estas podem ser ajustadas para ir ao encontro dos objetivos, tornando assim possível, a regulação emocional (Gross & Thompson, 2007). A regulação das emoções inicia-se quando existe um objetivo e utilizam-se os recursos disponíveis para influenciar o rumo da emoção (Gross, 2015a).

Um sistema vastamente aplicado para estudar a regulação emocional é o Modelo do Processo da Regulação Emocional (Petrova & Gross, 2023), este foi desenvolvido por Gross (2015a), que tinha anteriormente sido publicado pelo mesmo em 1998 (Gross,

1998). Segundo este modelo, a regulação emocional tem início quando existe uma divergência entre o estado em que o indivíduo se encontra e o objetivo que deseja alcançar. Desta maneira, quando o indivíduo percebe que há necessidade e oportunidade de regular as emoções, seleciona uma das diversas estratégias que o modelo compreende, implementa a mesma e monitoriza o desenrolar da regulação de maneira a garantir o sucesso e aproximar-se do seu objetivo (McRae & Gross, 2020). O modelo inicialmente destacou quatro estágios onde pode ocorrer, em cada um, regulação emocional: a situação, a atenção, a avaliação e a resposta (Figura 1a) (Gross & Thompson, 2007; McRae & Gross, 2020). Este é identificado como o modelo modal da emoção e descreve estes quatro estágios como uma série no processo de geração de emoção (Gross & Thompson, 2007). A seta representa um feedback da resposta gerada e permite alterar a situação que desencadeou a resposta em primeiro lugar, mostrando assim, uma interação entre os vários estágios (Gross, 2015a). Além disto, este modelo distingue cinco famílias de estratégias de regulação emocional onde possibilita a oportunidade de regular as emoções. As famílias são: seleção da situação, modificação da situação, mobilização da atenção, mudança cognitiva e modulação da resposta (Figura 1b) (Gross, 1998, 2002; Gross & Thompson, 2007; McRae & Gross, 2020).

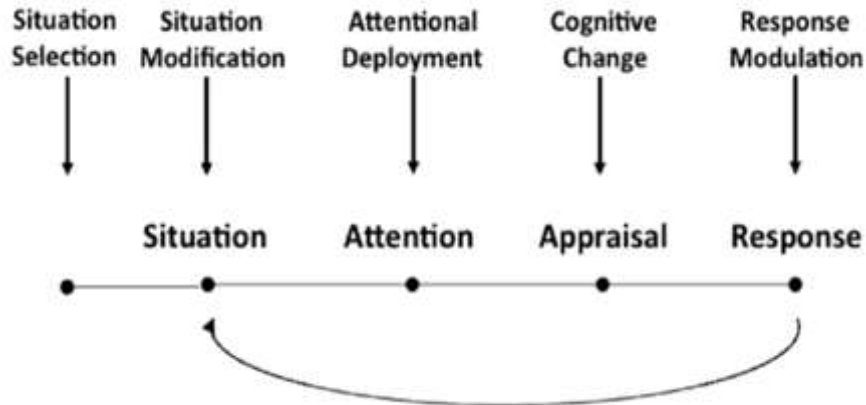
Figura 1

Modelo do Processo de Regulação Emocional (Gross, 2015a)



1a

Figura 1a adaptada de "Emotion regulation: Current status and future prospects", by J.J. Gross, 2015a, in *Psychological Inquiry*, 26(1), p. 4, Taylor & Francis Group LLC. Copyright 2015 by Taylor & Francis Group, LLC.



1b

Figura 1b adaptada de "Emotion regulation: Current status and future prospects", by J.J. Gross, 2015a, in *Psychological Inquiry*, 26(1), p. 6, Taylor & Francis Group LLC. Copyright 2015 by Taylor & Francis Group, LLC.

No que diz respeito às cinco famílias de estratégias de regulação emocional, a seleção da situação refere-se ao indivíduo aproximar-se ou afastar-se de determinados sítios, pessoas ou objetos de forma a regular as suas emoções (Gross, 1998, 2002). Ao tomar esta decisão, a pessoa tem como objetivo distanciar-se de emoções que possam ser inconvenientes ou, pelo contrário, ir de encontro a emoções desejáveis (Gross, 2015a). Dito isto, é necessário um conhecimento prévio e compreensão dos aspetos das situações e as possíveis respostas emocionais que podem ser desencadeadas. A seleção da situação é vista como uma das estratégias de regulação emocional mais eficazes, pois permite ao sujeito ser menos provável de se encontrar numa situação que leve ao aparecimento de emoções negativas (Gross & Thompson, 2007). Após selecionada uma situação, a mesma pode ser alterada, através de esforços ativos, de modo a modificar o impacto emocional que desencadeia, dando assim origem à modificação da situação (Gross, 1998, 2002, 2015a). Muitas vezes, esta estratégia de regulação emocional pode ser confundida com a seleção da situação, pois ao fazer alterações na situação selecionada, pode originar uma nova situação. Portanto, quando se fala em modificação da situação, fala-se em alterar os ambientes externos e físicos (Gross, 2015a; Gross & Thompson, 2007). Embora estas duas estratégias ajudem a delinear a situação em que o indivíduo se encontra, é possível regular as emoções sem fazer alterações no ambiente, por exemplo, através da mobilização da atenção (Gross & Thompson, 2007). A mobilização da atenção acontece quando o sujeito seleciona um dos vários aspetos da situação e escolhe focar-se no mesmo, portanto, redireciona a sua atenção para uma particularidade na tentativa de manipular as suas emoções (Gross, 1998, 2002, 2015a; Gross & Thompson, 2007).

A distração é uma das estratégias particularmente utilizadas na mobilização da atenção (Gross, 1998, 2015a; Gross & Thompson, 2007). Na distração o sujeito pode focar a sua atenção em diferentes aspetos da situação ou remove a sua atenção da situação por completo (Gross, 1998; Gross & Thompson, 2007). Para além disto, a mobilização da atenção é um dos primeiros processos de regulação emocional a ser desenvolvido e manifesta-se desde a infância (Gross, 2015a; Gross & Thompson, 2007). Uma outra estratégia é a mudança cognitiva. Esta, refere-se à ação de selecionar um dos diversos significados possíveis e atribuí-lo à situação, com vista a diminuir ou alterar o seu impacto emocional (Gross, 1998, 2002, 2015a; Gross & Thompson, 2007). Ou seja, através da reavaliação, é possível transformar a visão que o sujeito tem acerca de determinada situação, alterando a maneira como pensa sobre a mesma ou até das capacidades que tem para a enfrentar, diminuindo assim o impacto que a situação terá a nível emocional (Gross, 1998; Gross & Thompson, 2007). Ao contrário da seleção da situação e modificação da situação onde as mudanças ocorrem num ambiente externo, no caso da mudança cognitiva as alterações são de nível interno, pois trata-se de modificar os pensamentos (Gross, 2015a). Por fim, a modulação da resposta, ocorre após as respostas emocionais terem sido ativadas e à tentativa de influenciar as respostas psicológicas, experienciais e comportamentais (Gross, 1998, 2002, 2015a; Gross & Thompson, 2007). Existem várias maneiras possíveis de modular a resposta e diminuir as emoções negativas, podendo ser através de exercício físico e relaxamento ou o uso de álcool, drogas e até mesmo comida (Gross, 1998, 2015a; Gross & Thompson, 2007).

As cinco famílias podem ser divididas em dois grupos distintos, aquelas focadas no antecedente e as focadas na resposta. As primeiras quatro famílias, ou seja, a seleção da situação, a modificação da situação, a mobilização da atenção e a mudança cognitiva, são focadas no antecedente, pois ocorrem antes de ser gerada uma resposta emocional. Por outro lado, a modulação da resposta, é focada na resposta, uma vez que ocorre após ter sido gerada uma resposta emocional (Gross, 1998, 2002; Gross & Thompson, 2007).

O Modelo de Processo de Regulação Emocional original explica os vários momentos em que pode ocorrer regulação emocional, destacando as cinco famílias de estratégias de regulação emocional (Gross, 1998, 2002; Gross & Thompson, 2007; McRae & Gross, 2020). Contudo, considerando as descobertas e os avanços no campo da regulação emocional, surgiu uma versão mais alargada deste modelo. Semelhante ao modelo modal de geração de emoção (Figura 1a), surge um outro modelo que demonstra esse processo de forma circular (Figura 2) e em espiral que se prolonga ao longo do tempo (Figura 3) (Gross, 2015a).

Figura 2

Modelo Modal da Emoção (Gross, 2015a)



Figura 2 adaptada de "Emotion regulation: Current status and future prospects", by J.J. Gross, 2015a, in *Psychological Inquiry*, 26(1), p. 4, Taylor & Francis Group LLC. Copyright 2015 by Taylor & Francis Group, LLC.

Figura 3

Modelo Modal da Emoção ao Longo do Tempo (Gross, 2015a)

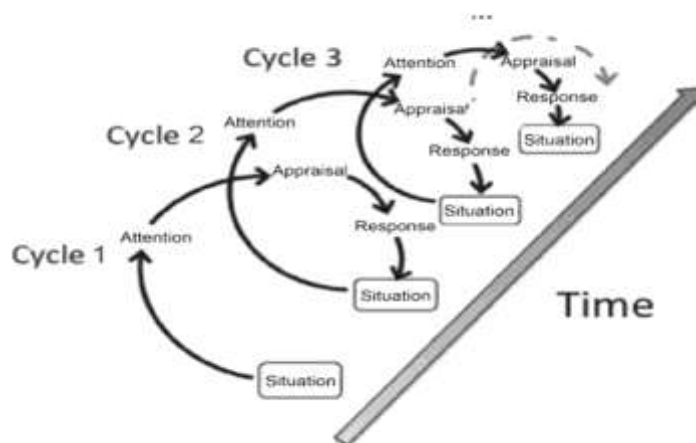


Figura 3 adaptada de "Emotion regulation: Current status and future prospects", by J.J. Gross, 2015a, in *Psychological Inquiry*, 26(1), p. 4, Taylor & Francis Group LLC. Copyright 2015 by Taylor & Francis Group, LLC.

Como referido anteriormente, o modelo alargado do processo de regulação emocional afirma haver uma necessidade de avaliar vários aspetos no processo de regular as emoções e estabelece uma interação entre vários sistemas de avaliação ao longo do tempo, definindo quatro pontos essenciais: “W”, “P”, “V” e “A” (Figura 4). Segundo Gross (2015b), “W” é o Aspeto do Mundo e retrata os estados internos e externos do mundo, “P” diz respeito à Perceção que se tem de tudo o que está presente no estado atual, “V” corresponde à Avaliação que se faz da situação como sendo positiva ou negativa e “A” é a Ação, ou seja, são esforços dirigidos para minimizar a discrepância entre o estado percecionado do mundo e aquele que é o desejado. Este processo repete-se até que se consiga aproximar ou atingir os objetivos traçados, justificando assim o seu decurso ao longo do tempo. De acordo com este modelo, o sujeito está perante uma situação que desencadeia uma emoção (“W”), de seguida percebe os diferentes aspetos da situação (“P”), o que faz com que avalie o seu estado atual e atribua um significado positivo ou negativo ao mesmo (“V”) e por fim, caso o sujeito não esteja satisfeito com a situação, irá mobilizar esforços para a alterar e aproximá-la dos objetivos desejados (“A”) (Gross, 2015a, 2015b).

Figura 4

Processo de Avaliação (Gross, 2015a)

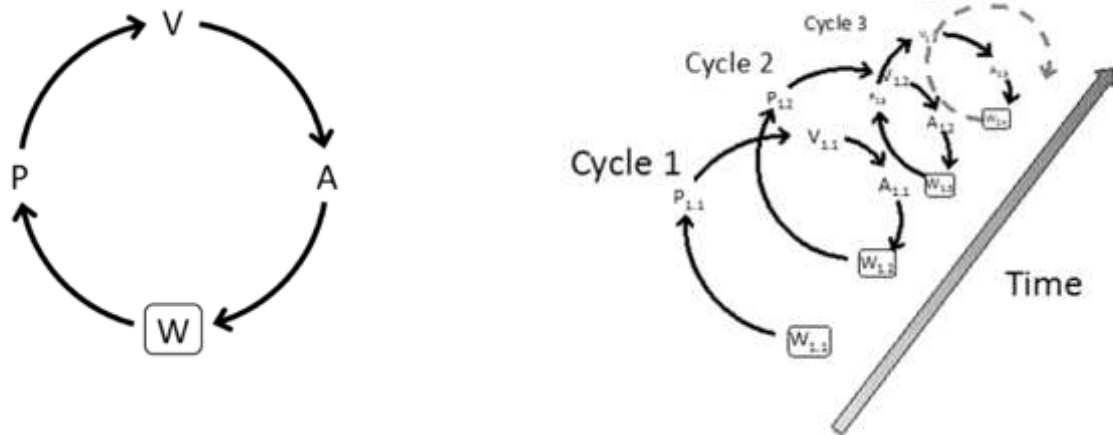


Figura 4 adaptada de "Emotion regulation: Current status and future prospects", by J.J. Gross, 2015a, in *Psychological Inquiry*, 26(1), p. 10, Taylor & Francis Group LLC. Copyright 2015 by Taylor & Francis Group, LLC.

Assim, a regulação emocional tem início quando um sistema de avaliação (segundo nível) foca um outro sistema de avaliação (primeiro nível) que está a originar uma emoção, e o considera como positivo ou negativo, enquanto ativa ações para alterar características no sistema de avaliação de primeiro nível. Para que isto seja possível, o modelo distingue três pontos essenciais onde surge oportunidade de regular a emoção: identificação, seleção e implementação. A identificação diz respeito a identificar quando a emoção está a surgir no primeiro nível e decide-se regular ou não a mesma. Na seleção é escolhida uma estratégia de regulação emocional. Por fim, na fase de implementação, são acionados esforços para traduzir a estratégia escolhida na fase da seleção, em táticas para lidar com a situação em que se encontra (Gross, 2015a).

Estratégias de Regulação Emocional

Tal como referido anteriormente, existe um vasto número de estratégias de regulação emocional disponíveis (Gross, 2002). De seguida serão exploradas em detalhe: a reavaliação cognitiva, a aceitação, o evitamento, a ruminação, a supressão e a distração. De notar ainda que não existe uma estratégia que seja eficaz em todos os cenários, pelo que deve sim, haver um esforço para adaptar a regulação emocional de forma flexível às diversas situações que surgem (Ion et al., 2023).

Reavaliação Cognitiva

A reavaliação cognitiva consiste na reinterpretção da situação que se está a experienciar, ou seja, alterar a forma como se interpreta a mesma (Gross, 2002; Ion et al., 2023; McRae and Gross, 2020; Snow et al., 2022; Wooten et al., 2022). Esta estratégia é maioritariamente aplicada quando o objetivo é reduzir as emoções negativas e aumentar as positivas (Gross, 2015a; Ion et al., 2023; Vaz et al., 2008; Wooten et al., 2022).

Aceitação

A aceitação é estratégia de regulação emocional que tem como objetivo aceitar as emoções sentidas sem qualquer tipo de julgamento subentendido (McRae and Gross, 2020; Snow et al., 2022; Wooten et al., 2022).

Evitamento

O evitamento, tende a ocorrer em situações ou ambientes onde o reforço negativo e punitivo é superior ao positivo (O'Mahen et al., 2015) e o indivíduo procura evitar tais situações (McRae and Gross, 2020).

Ruminação

No que diz respeito à ruminação, esta é uma estratégia que tem por base o foco ou atenção repetitiva nas emoções experienciadas, em específico o que as causou e quais as consequências das mesmas (de Pina Reis et al., 2021; Ion et al., 2023; McRae and Gross, 2020; O'Mahen et al., 2015). Esta estratégia está fortemente associada a dificuldades de internalização (Snow et al., 2022).

Supressão

A supressão trata-se de um processo centrado na resposta emocional (Gross, 2002; Vaz et al., 2008) em que o indivíduo tenta inibir ou esconder a expressão emocional que sente internamente (Gross, 2002, 2015a; Ion et al., 2023; McRae and Gross, 2020; Snow et al., 2022).

Distração

A distração diz respeito à ação de desviar o foco atencional de determinada situação emocional, para um outro alvo (Ion et al., 2023; McRae and Gross, 2020), com o objetivo de diminuir emoções menos positivas que esteja a sentir (Dvir et al., 2014).

Estratégias de Regulação Emocional Adaptativas e Desadaptativas

As estratégias de regulação emocional adaptativas estão relacionadas com benefícios a nível da saúde mental (Snow et al., 2022). De acordo com diversos autores, a opinião parece ser unânime no sentido em que salientam a reavaliação cognitiva

(McRae and Gross, 2020; Snow et al., 2022; Vaz et al., 2008; Wooten et al., 2022) e a aceitação (Snow et al., 2022; Wooten et al., 2022) como estratégias adaptativas para o indivíduo.

Em contraste, as estratégias de regulação desadaptativas apresentam um impacto negativo na saúde mental (Snow et al., 2023) e estão associadas a vários comportamentos de risco (Oshri et al., 2015). Segundo as evidências encontradas na literatura, destacam-se como estratégias desadaptativas a supressão (D'Agostino et al., 2017; Ion et al., 2023; McRae and Gross, 2020; Snow et al., 2022; Vaz et al., 2008), a ruminação (D'Agostino et al., 2017; McRae and Gross, 2020; Snow et al., 2022) e o evitamento (D'Agostino et al., 2017; Snow et al., 2022).

Regulação Emocional em Adultos

A regulação emocional é um processo que se estende ao longo da vida e, embora já adultos, os indivíduos continuam a adquirir novas capacidades de regulação emocional (Dvir et al., 2014; Gross, 2015). Existem alguns aspetos que contribuem para o desenvolvimento da regulação emocional ao longo do tempo, nomeadamente, aspetos internos e externos. Como internos, realça-se a capacidade cognitiva e as mudanças nas diferentes estruturas e funções neurobiológicas. Quanto aos externos, salienta-se a influência da família e colegas (Riediger & Bellingtier, 2022).

Nos últimos anos tem-se verificado um aumento na investigação da regulação emocional e o papel da mesma ao longo do desenvolvimento humano. São escassos os estudos que abordem, por exemplo, a eficácia da regulação emocional, tendo em conta a idade. Porém, as descobertas existentes indicam que as tentativas para regular emoções mantêm-se eficazes durante a idade adulta (Mikkelsen et al., 2024).

Sabe-se ainda que a regulação emocional nas fases iniciais do ciclo de vida vai-se aperfeiçoando e, posteriormente, tende a estabilizar durante a vida adulta. Verificou-se especificamente, uma perceção de maior controlo sobre aquilo que se sente em adultos com idade mais avançada (Hay & Diehl, 2011; Riediger & Bellingtier, 2022). Além disso, estes adultos tendem a ser mais seletivos no que concerne aos ambientes em que se encontram e com quem se relacionam socialmente. Ainda, os adultos são mais propensos a permanecer em estados de afeto positivos e a sair mais rapidamente de estados de afeto negativos elevados (Hay & Diehl, 2011). Observou-se que à medida que os indivíduos crescem e amadurecem, aprendem a dar maior uso a estratégias de regulação emocional

mais saudáveis, como é o caso da reavaliação cognitiva, e a utilizar menos estratégias desadaptativas, como a supressão (John & Gross, 2004).

Maus-Tratos Infantis

Durante muitos anos, e dependendo da cultura, a punição era vista e aceita pela sociedade como forma de educar uma criança. No entanto, sabemos que os pais ou pessoas responsáveis legalmente por cuidar de uma criança, têm o dever de proteger a mesma de variadas formas de violência (Simkiss, 2004). De acordo com os autores, foram definidos os seguintes tipos de maus-tratos, que serão analisados em maior detalhe mais à frente: abuso físico (Cicchetti & Toth, 2005; de Pina Reis et al., 2021; Ferro et al., 2023; Simkiss, 2004), negligência (Cicchetti & Toth, 2005; de Pina Reis et al., 2021; Ferro et al., 2023; Horswell & Istfan, 2012; O'Mahen et al., 2015; Simkiss, 2004), abuso sexual (Cicchetti & Toth, 2005; de Pina Reis et al., 2021; Ferro et al., 2023; Simkiss, 2004), abuso emocional (Cicchetti & Toth, 2005; de Pina Reis et al., 2021; Simkiss, 2004) e exploração comercial ou outra (de Pina Reis et al., 2021; Simkiss, 2004). Sabe-se ainda que os maus-tratos infantis afetam entre 3% a 32% da população (O'Mahen et al., 2015).

Existem diversos fatores que contribuem ou aumentam a tendência de abuso para com crianças, nomeadamente, o desenvolvimento de uma fraca ligação com os cuidadores, presença de doença mental num dos responsáveis, abuso de substâncias, entre muitos outros (Horswell & Istfan, 2012). Todas estas características fazem com que a criança se desenvolva numa esfera relacional nociva e, conseqüentemente, prejudicam a criança ao nível do desenvolvimento físico e psicológico (Cicchetti & Toth, 2005) e podem apresentar conseqüências a longo prazo (Kim et al., 2024).

Conseqüências dos Maus-Tratos Infantis

Os maus-tratos infantis são um fator determinante para o aparecimento de psicopatologia (de Pina Reis et al., 2021; Gruhn & Compas, 2020; Wooten et al., 2022) e vários transtornos/diagnóstico psiquiátricos (Cicchetti & Toth, 2005; de Pina Reis et al., 2021; Dvir et al., 2014; Wooten et al., 2022). De entre os diversos diagnósticos, salienta-se a prevalência de perturbações depressivas (Dvir et al., 2014; O'Mahen et al., 2015;

Wooten et al., 2022), de perturbações de ansiedade (Cicchetti & Toth, 2005; Dvir et al., 2014; Snow et al., 2022; Wooten et al., 2022) e perturbações de stress pós-traumático (Dvir et al., 2014; Wooten et al., 2022). De acordo com o pressuposto supracitado, e segundo o *National Center on Child Abuse and Neglect*, aferiu-se que 37% das crianças vítimas de abusos e maus-tratos estão propensas a desenvolver algum tipo de doença crónica ou necessidade especial (Horswell & Istfan, 2012).

Além disto, os jovens que experienciaram algum tipo de maus-tratos infantis apresentam tendência para se envolver em comportamentos de risco (Oshri et al., 2015) tais como o abuso de substâncias (Cicchetti & Toth, 2005; Dvir et al., 2014), nomeadamente, cannabis e álcool (Oshri et al., 2015), comportamentos suicidas (Cicchetti & Toth, 2005) e comportamentos sexuais de risco (Dvir et al., 2014; Oshri et al., 2015). Infelizmente, muitos dos maus-tratos infantis, devido à sua gravidade culminam em morte (Gruhn & Compas, 2020; Horswell & Istfan, 2012; Simkiss, 2004).

Tipos de Maus-Tratos Infantis

Como referido anteriormente, serão descritos cinco tipos de maus-tratos infantis: abuso físico, negligência, abuso sexual, abuso emocional e exploração comercial ou outra.

Abuso Físico

O abuso físico é caracterizado pelo uso de força física e lesões no corpo de uma criança, que são infligidas de forma não acidental (Cicchetti & Toth, 2005). Normalmente, os indivíduos que realizam este tipo de maus-tratos detêm um papel de responsabilidade, poder ou confiança com a criança (Simkiss, 2004), nomeadamente, os próprios pais (Ferro et al., 2023).

Negligência

A negligência é descrita como a falha em proporcionar à criança os cuidados e necessidades básicos (Cicchetti & Toth, 2005; Horswell & Istfan, 2012). É marcado por um cuidador que não presta atenção às exigências mínimas da criança e não protege a mesma de possíveis danos (Simkiss, 2004). Por exemplo, expor a criança a violência

doméstica, condições de vida precárias, ausência de apoio de saúde (Horswell & Istfan, 2012), assim como, falta de higiene e desnutrição (Ferro et al., 2023).

Abuso Sexual

Abuso sexual acontece quando uma criança ou adolescente é envolvido num ato sexual com um adulto e, tendo em conta o seu nível de desenvolvimento, não é capaz de prestar consentimento. Estes atos têm como finalidade o prazer ou gratificação das necessidades sexuais da outra pessoa, que se encontra numa posição de poder (Cicchetti & Toth, 2005; Ferro et al., 2023; Simkiss, 2004).

Abuso Emocional

Esta forma de maus-tratos infantil caracteriza-se pelo insucesso em fornecer à criança um espaço seguro de suporte e vinculação saudável com as figuras primárias (Simkiss, 2004) e, está também relacionado com um fracasso em atender as necessidades emocionais básicas da criança (Cicchetti & Toth, 2005). Isto inclui ameaças ou tratamento hostil para com a criança, menosprezá-la, denegri-la e discriminá-la (Simkiss, 2004).

Exploração Comercial ou Outra

Denomina-se exploração comercial quando se utiliza uma criança para prestar serviços laborais que beneficiam outrem. São atividades, como o trabalho e a prostituição infantil, que acabam por deteriorar o desenvolvimento da criança ao nível da saúde física e mental (Simkiss, 2004).

Relação entre Regulação Emocional e Maus-Tratos Infantis

Os maus-tratos infantis estão inegavelmente relacionados com o processo de regulação emocional (O'Mahen et al., 2015). Diversos autores e investigadores afirmam

que as crianças quando expostas a maus-tratos durante a infância apresentam dificuldades ao nível da regulação emocional (de Pina Reis et al., 2021) podendo inclusivamente desenvolver problemas e défices neste parâmetro (Dvir et al., 2014). Os maus-tratos infantis comprometem a regulação emocional, uma vez que afetam e tornam as pessoas menos aptas a desenvolver a mesma de forma normativa (Dvir et al., 2014). A corroborar esta premissa destaca-se o trabalho de Gruhn e Compas (2020), onde foi salientado que os maus-tratos na infância tendem a destabilizar os processos de regulação emocional, dando origem a uma regulação emocional enfraquecida (Gruhn & Compas, 2020). Além destas evidências, sublinha-se ainda que as vítimas de maus-tratos infantis tendem a apresentar menos sucesso na regulação emocional (Ion et al., 2023), visto que, os mesmos influenciam o desenvolvimento e consolidação de competências emocionais (Ferro et al., 2023).

As crianças vítimas de maus-tratos tendem a apresentar défices na compreensão das emoções (Cicchetti & Toth, 2005; Dvir et al., 2014) e dificuldades em regular, identificar e expressar emoções (Dvir et al., 2014; Kim et al., 2024; Snow et al., 2022), culminando assim, numa maior dificuldade em reconhecer as mesmas (Ferro et al., 2023). Associada à negligência, abuso físico, sexual e emocional (Dvir et al., 2014), no geral, a exposição a eventos traumáticos de maus-tratos infantis, está a desregulação emocional (de Pina Reis et al., 2021; Dvir et al., 2014). Outros autores concluíram também que a presença de uma história de abuso (Cicchetti & Toth, 2005) e violência para com crianças e adolescentes, leva à desregulação emocional e pode prolongar-se no tempo, ao longo de várias faixas etárias (Ferro et al., 2023). Alguns estudos apuraram que 80% das crianças vítimas de maus-tratos com idade pré-escolar demonstram maior desregulação emocional ao observarem uma interação entre adultos, em que a raiva era o aspeto central (Cicchetti & Toth, 2005). Além disto, segundo Maughan et al. (2002), num estudo comparativo entre crianças maltratadas e não maltratadas, observou-se que 80% das vítimas de maus-tratos, apresentavam problemas de regulação emocional.

Concluindo, os maus-tratos na infância contribuem para um desenvolvimento desadaptativo (Cicchetti & Toth, 2005; Oshri et al., 2015; O'Mahen et al., 2015) pois, afetam vários sistemas psicológicos (Cicchetti & Toth, 2005) e são comportamentos nocivos para a evolução de diversas regiões no cérebro ligadas à emoção (Kim et al., 2024).

No que diz respeito às estratégias de regulação emocional, foi possível verificar que as crianças que sofreram de maus-tratos infantis podem não conseguir adquirir estratégias eficazes (Gruhn & Compas, 2020; Oshri et al., 2015; O'Mahen et al., 2015) e

por outro lado, desenvolver estratégias desadaptativas (Kim et al., 2024; Wooten et al., 2022). De acordo com a literatura, estratégias adaptativas como a aceitação e a reavaliação cognitiva, tendem a ser menos utilizadas por vítimas de maus-tratos infantis (Snow et al., 2022). Enquanto, no que diz respeito a estratégias desadaptativas, salienta-se maior uso da supressão (Gruhn & Compas, 2020; Snow et al., 2022; Wooten et al., 2022), da ruminação (Snow et al., 2022; Wooten et al., 2022) e do evitamento (Gruhn & Compas, 2020; Snow et al., 2022).

Um ponto central destes conceitos e que ainda não foi explorado neste trabalho, foi o papel crucial que a família e/ou os cuidadores desempenham. A infância é um período do desenvolvimento emocional da criança significativo (O'Mahen et al., 2015), e tendo em conta que o primeiro grupo social da mesma é a sua família ou as pessoas responsáveis por ela (e esta absorve cada momento que vivencia) (Ferro et al., 2023), é extremamente importante que a criança tenha uma parentalidade segura e afetiva (Oshri et al., 2015) em vez de uma severa e sem apoio (Riediger & Bellingtier, 2022). Os cuidadores desempenham um papel fundamental, visto que, estes influenciam a criança na maneira como exprimem ou oprimem as suas emoções (Cicchetti & Toth, 2005) e é através deles que também são aprendidas estratégias de regulação emocional (Gruhn & Compas, 2020).

Capítulo 2 – Metodologia

Neste capítulo encontra-se descrito em detalhe o método PRISMA, o qual foi utilizado para conduzir a revisão sistemática da literatura, assim como a questão de investigação desenvolvida através do método SPIDER, à qual se procura dar resposta. Mais adiante, são apresentados os critérios de inclusão e exclusão, que atuaram como base de procura e seleção dos vários artigos. De seguida, é apresentado o processo pelo qual foram localizados os artigos, explicitando os operadores booleanos empregues. Por fim, são apresentadas duas tabelas, a primeira corresponde aos critérios de elegibilidade dos artigos submetidos para leitura integral e, a subsequente, é referente à avaliação da qualidade metodológica dos estudos.

Métodos

Este estudo caracteriza-se por uma revisão sistemática da literatura que se define como um contributo para a clarificação de um problema, através de uma síntese de diversos resultados de investigação atualizados, sobre um determinado tópico (Camilo & Garrido, 2019). Porém, a RSL não apresenta apenas um resumo dos resultados encontrados na literatura, uma vez que a RSL se rege por critérios e orientações delimitadas e rigorosas que permitem identificar, selecionar e avaliar minuciosamente a literatura (Camilo & Garrido, 2019; Galvão & Ricarte, 2019).

Para além disso, as revisões sistemáticas da literatura evitam o enviesamento dos resultados obtidos (Camilo & Garrido, 2019), permitem a replicação do estudo apresentado (Atallah & Castro, 1998; Camilo & Garrido, 2019; Galvão & Ricarte, 2019) e previnem a duplicação de estudos (Atallah & Castro, 1998; Galvão & Ricarte, 2019), sendo assim, um método de investigação pertinente para a ciência.

Uma vez que a RSL segue diretrizes rigorosas, foi adaptado o protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA 2020)*, protocolo este que foi pensado para estudos de RSL. Esta metodologia comporta uma *checklist* e um *flow diagram* que ajudam a conduzir os estudos de RSL (Camilo & Garrido, 2019; Page et al., 2019).

A *checklist* corresponde a sete secções distintas, desde o título, o resumo, introdução, métodos, resultados, discussão e outras informações necessárias, agrupando um total de 27 itens inseridos nas mesmas que devem ser cumpridos (Camilo & Garrido,

2019; Page et al., 2019). O *flow diagram* tem como função reportar os resultados das pesquisas e o processo de seleção dos estudos a aplicar na RSL (Page et al., 2019), sendo constituído por quatro etapas distintas, incluindo a identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos (Camilo & Garrido, 2019).

Questão de Investigação

Uma vez que o primeiro passo numa revisão sistemática da literatura passa pela formulação de uma questão de investigação, de forma clara e passível de ser respondida, foi utilizado o método SPIDER. Esta abordagem destaca cinco etapas: a amostra, o fenómeno de interesse, o design dos estudos, a avaliação e o tipo de pesquisa (Camilo & Garrido, 2019).

Tabela 1

Questão de Investigação Segundo o Método SPIDER

<i>S – Sample</i>	<i>Indivíduos maiores de 18 anos</i>
<i>PI – Phenomen Of Interest</i>	A relação entre maus-tratos infantis e as estratégias de regulação emocional em adultos
<i>D – Design</i>	Estudos experimentais, quasi-experimentais, correlacionais
<i>E – Evaluation</i>	As estratégias de regulação emocional em adultos vítimas de maus-tratos infantis
<i>R – Research Type</i>	Estudos quantitativos, qualitativos e mistos

Portanto, a questão de investigação procura compreender “a relação entre os maus-tratos infantis e as estratégias de regulação emocional em adultos”, e mais especificamente, que tipo de estratégias de regulação emocional adotaram e utilizam na sua vida os adultos que sofreram de maus-tratos infantis.

Critérios de Inclusão e Exclusão

Como critérios de inclusão, ou seja, condições que deve cumprir para pertencer aos estudos a analisar, foram definidos os seguintes: estudos que explorem a temática de maus-tratos infantis e estratégias de regulação emocional; estudos que explorem as estratégias de regulação emocional em adultos vítimas de maus-tratos; estudos que

incluam participantes maiores de 18 anos; artigos científicos já publicados e disponíveis nas bases de dados em formato digital; estudos quantitativos, mistos ou qualitativos; artigos divulgados em português e/ou inglês publicados entre 2019 e 2024.

Quanto aos critérios de exclusão, ou seja, condições que quando verificadas determinam a eliminação do estudo, foram determinados: artigos que abordem apenas uma das variáveis em causa; estudos que não relacionem as variáveis maus-tratos infantis com estratégias de regulação emocional; estudos que não explorem as estratégias de regulação emocional em adultos vítimas de maus-tratos; estudos cujos participantes não sejam maiores de 18 anos; dissertações, teses, livros ou capítulos de livros; documentos em línguas diferentes de português e/ou inglês; documentos em formato de papel; estudos publicados em datas anteriores a 2019.

Localização dos Estudos

A pesquisa foi realizada nas bases de dados *PubMed*, *Scopus* e *Web of Science*, sendo estas ferramentas fiáveis e seguras para conduzir a RSL. A pesquisa dirigida tinha como objetivo explorar os termos “maus-tratos infantis”, “estratégias de regulação emocional” e “estratégias de regulação emocional em adultos vítimas de maus-tratos”.

Posto isto, foram empregues operadores booleanos, nomeadamente “AND” para que fosse possível procurar documentos que incluíssem todas as palavras identificadas e o “OR” de forma encontrar uma ou outra das expressões. Além destes, foram utilizados (“”) e (*), para encontrar uma expressão ou conjunto de palavras sem que separasse as mesmas e palavras com finalizações diversas, respetivamente. Estes operadores permitiram assim uma pesquisa completa que se encontra na tabela abaixo (Tabela 2).

Tabela 2

Bases de Dados e Equação de Pesquisa

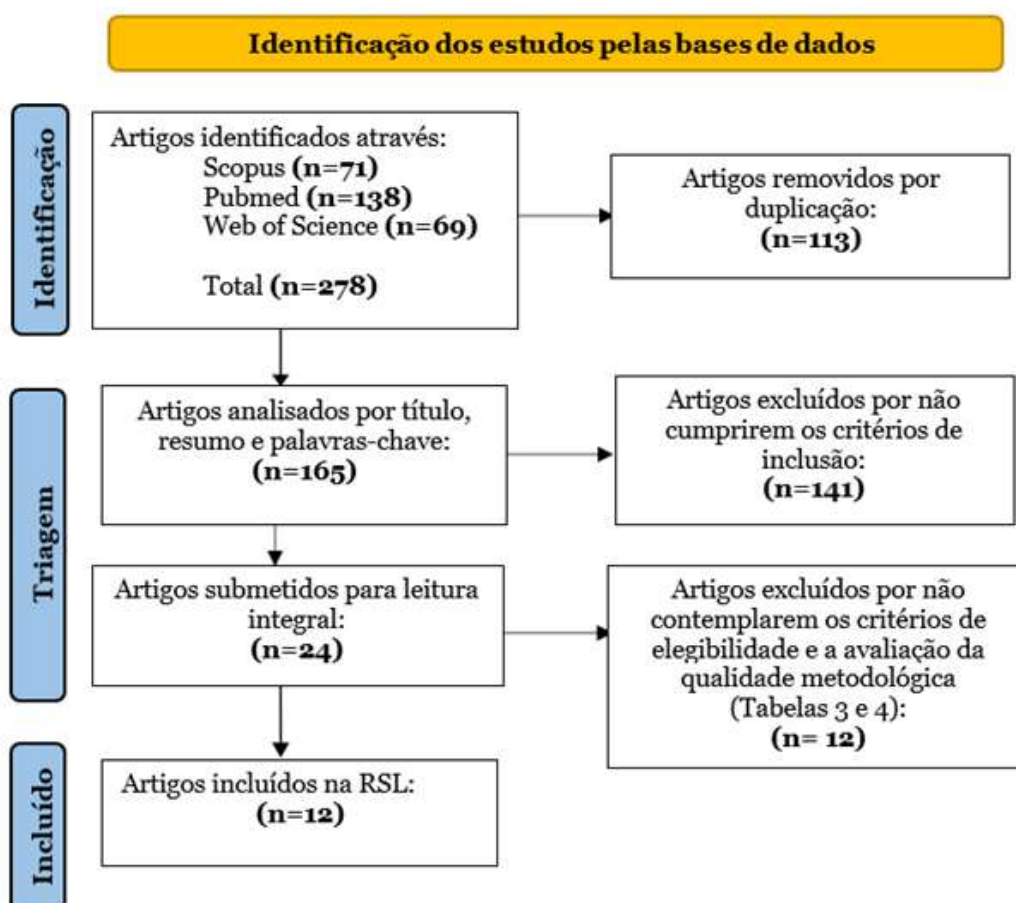
Base de Dados	Frase Booleana
<i>PubMed</i>	("emot* regulat*" OR "emoti* regulation strategies") AND Adult*
<i>Scopus</i>	AND ("child* maltreatment" OR "child* abuse")
<i>Web of Science</i>	

Seleção dos Estudos

Após efetuada a pesquisa e averiguada a literatura disponível, foi realizado um registo com as informações das diferentes bases de dados e respetivos resultados no fluxograma do PRISMA (Figura 5).

Figura 5

Fluxograma da Identificação dos Estudos para a Revisão Sistemática da Literatura - PRISMA 2020 Flow Diagram



Finalizada a pesquisa nas diferentes bases de dados, foi obtido um total de 278 artigos (71 na *Scopus*, 138 na *PubMed* e 69 na *Web of Science*). Desse universo foram removidos 113 por duplicação, sendo analisados por título, resumo e palavras-chave 165

artigos. Após essa análise foram excluídos 141 estudos por não cumprirem os critérios de inclusão estipulados anteriormente. Assim, para leitura integral, foram avaliados 24 artigos, onde 9 foram excluídos por não cumprirem os critérios de elegibilidade e, conseqüentemente, não darem resposta à questão de investigação, como está presente na Tabela 3. Além disso, 2 artigos foram excluídos por não ser possível ter acesso, apesar de se ter tentado através do serviço de empréstimos da Biblioteca da nossa Instituição. Finalmente, foi ainda excluído 1 artigo por apresentar uma qualidade metodológica baixa, como consta na Tabela 4. Assim, foram incluídos 12 artigos na RSL.

Tabela 3

Crêterios de Elegibilidade dos Artigos Submetidos para Leitura Integral

Artigo	Referência Bibliográfica	Tipo de Pesquisa	Participantes (>18 anos)	MTI	ERE	Estado
A1	Moreira, D., Silva, C., Moreira, P., Pinto, T. M., Costa, R., Lamela, D., ... & Pasion, R. (2024). Addressing the Complex Links between Psychopathy and Childhood Maltreatment, Emotion Regulation, and Aggression—A Network Analysis in Adults. <i>Behavioral Sciences</i> , 14(2), 115. https://doi.org/10.3390/bs14020115	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A2	Stinson, J. D., Puzskiewicz, K. L., & Lasher, M. P. (2023). Associations between self-regulation, experiences of childhood adversity, and problematic sexual and aggressive behaviors. <i>Sexual Abuse</i> , 35(1), 31-53. https://doi.org/10.1177/10790632211058067	Quantitativa	Sim	Sim	N�o	Excluído
A3	Warmingham, J. M., Russotti, J., Handley, E. D., Toth, S. L., & Cicchetti, D. (2023). Childhood attachment security mediates the effect of childhood maltreatment chronicity on emotion regulation patterns in emerging adulthood. <i>Attachment & Human Development</i> , 25(3-4), 437-459. https://doi.org/10.1080/14616734.2023.2234891	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído

A4*	Wong, N. E., Hagan, M. J., & Holley, S. R. (2023). Childhood maltreatment and suicidal thoughts and behaviors in young adults: The role of limited access to emotion regulation strategies. <i>Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention</i> . https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000909					Excluído
A5	Perry, Y., & Cuellar, M. J. (2022). Coping methods used by college undergraduate and graduate students while experiencing childhood adversities and traumas. <i>Journal of Child & Adolescent Trauma</i> , 15(2), 451-459. https://doi.org/10.1007/s40653-021-00371-z	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A6	Cheng, P., & Langevin, R. (2023). Difficulties with emotion regulation moderate the relationship between child maltreatment and emotion recognition. <i>Child Abuse & Neglect</i> , 139, 106094. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.106094	Quantitativa	Sim	Sim	Não	Excluído
A7	Berzenski, S. R. (2019). Distinct emotion regulation skills explain psychopathology and problems in social relationships following childhood emotional abuse and neglect. <i>Development and psychopathology</i> , 31(2), 483-496. https://doi.org/10.1017/s0954579418000020	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A8	Maftai, A., & Nițu, Ș. (2024). Does childhood maltreatment make us more morally disengaged? The indirect effect of expressive suppression. <i>Ethics & Behavior</i> , 34(2), 104-119. https://doi.org/10.1080/10508422.2022.2162522	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A9	Oliveros, A. D., & Coleman, A. S. (2021). Does emotion regulation mediate the relation between family-of-origin violence and intimate partner violence?. <i>Journal of interpersonal violence</i> , 36(19-20), 9416-9435. https://doi.org/10.1177/0886260519867146	Quantitativa	Sim	Não	Sim	Excluído

A10	Snow, J., Moorman, J., & Romano, E. (2022). Emotion regulation and mental health among men with childhood sexual abuse histories. <i>Journal of child sexual abuse</i> , 31(4), 412-430. https://doi.org/10.1080/10538712.2021.1970677	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A11	Yaroslavsky, I., Bush, A. H., & France, C. M. (2022). Emotion regulation deficits mediate childhood sexual abuse effects on stress sensitization and depression outcomes. <i>Development and psychopathology</i> , 34(1), 157-170. https://doi.org/10.1017/S095457942000098x	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A12	Henschel, S., Doba, K., & Nandrino, J. L. (2019). Emotion regulation processes and psychoform and somatoform dissociation in adolescents and young adults with cumulative maltreatment. <i>Journal of Trauma & Dissociation</i> , 20(2), 197-211. https://doi.org/10.1080/15299732.2018.1502714	Quantitativa	Não	Sim	Sim	Excluído
A13	Ali, P. I., & Yousaf, T. (2022). Emotional Dysregulation among Young Adults: Relationship with Childhood Emotional Abuse. <i>Pakistan Journal of Psychological Research</i> , 37(4). https://doi.org/10.33824/PJPR.2022.37.4.36	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A14	Kim, M. S., Kim, K., Nam, J., Lee, S. J., & Lee, S. W. (2024). Impact of childhood maltreatment on cognitive function and its relationship with emotion regulation in young adults. <i>Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry</i> , 35(3), 155. https://doi.org/10.5765/jkacap.240001	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A15	Rüfenacht, E., Pham, E., Nicastro, R., Dieben, K., Hasler, R., Weibel, S., & Perroud, N. (2021). Link between history of childhood maltreatment and emotion dysregulation in adults suffering from attention deficit/hyperactivity disorder or	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído

	borderline personality disorder. <i>Biomedicines</i> , 9(10), 1469. https://doi.org/10.3390/biomedicines9101469					
A16	Simon, E., Raats, M., & Erens, B. (2024). Neglecting the impact of childhood neglect: a scoping review of the relation between child neglect and emotion regulation in adulthood. <i>Child Abuse & Neglect</i> , 153, 106802. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2024.106802	Revisão Sistemática	Sim	Sim	Não	Excluído
A17*	Liu, J., Tan, R. H. S., Chang, S. S. H., Teh, W. L., Shahwan, S., Lee, Y. W., ... & Subramaniam, M. (2023). Pathological personality explains individual differences in global emotion dysregulation within the pathway between child maltreatment and severe depressive symptoms. <i>Psychological trauma: theory, research, practice, and policy</i> . https://doi.org/10.1037/tra0001581					Excluído
A18	Warmingham, J. M., Duprey, E. B., Handley, E. D., Rogosch, F. A., & Cicchetti, D. (2023). Patterns of childhood maltreatment predict emotion processing and regulation in emerging adulthood. <i>Development and psychopathology</i> , 35(2), 766-781. https://doi.org/10.1017/S0954579422000025	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A19	Tinajero, R., Williams, P. G., Cribbet, M. R., Rau, H. K., Silver, M. A., Bride, D. L., & Suchy, Y. (2020). Reported history of childhood trauma and stress-related vulnerability: Associations with emotion regulation, executive functioning, daily hassles and pre-sleep arousal. <i>Stress and Health</i> , 36(4), 405-418. https://doi.org/10.1002/smi.2938	Quantitativa	Sim	Sim	Não	Excluído
A20	Wooten, W., Laubaucher, C., George, G. C., Heyn, S., & Herringa, R. J. (2022). The impact of childhood maltreatment on adaptive emotion regulation strategies.	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído

	<i>Child abuse & neglect</i> , 125, 105494. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105494					
A21	Goodall, K., & Sawrikar, V. (2023). The Rating of Emotional Abuse in Childhood (REACH) Questionnaire: A new self-report measure assessing history of childhood emotional abuse. <i>Child Abuse & Neglect</i> , 146, 106498. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.106498	Quantitativa	Sim	Sim	Não	Excluído
A22	Walker, H. E., Thomsen, K. N., Jamison, L. E., Wamser-Nanney, R., & Howell, K. H. (2023). The role of dimensions of emotion dysregulation following exposure to maltreatment and adult victimization. <i>Journal of interpersonal violence</i> , 38(7-8), 5661-5681. https://doi.org/10.1177/08862605221127188	Quantitativa	Sim	Sim	Não	Excluído
A23	Cabecinha-Alati, S., Montreuil, T. C., & Langevin, R. (2022). The role of maternal child maltreatment history and unsupportive emotion socialization in the intergenerational transmission of emotion regulation difficulties. <i>Child Abuse & Neglect</i> , 129, 105661. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105661	Quantitativa	Sim	Sim	Sim	Incluído
A24	Cheng, P., & Langevin, R. (2023). Unpacking the effects of child maltreatment subtypes on emotional competence in emerging adults. <i>Psychological trauma: theory, research, practice, and policy</i> , 15(S1), S102. https://doi.org/10.1037/tra0001322	Quantitativa	Sim	Sim	Não	Excluído

* Artigos aos quais não foi possível ter acesso

Avaliação da Qualidade dos Estudos

Algo que caracteriza todas as revisões sistemáticas da literatura, com vista a obter um resultado rigoroso e fiável, é o processo de avaliação crítica dos estudos incluídos

(Baker et al., 2023; JBI, 2020; Munn et al., 2023). O objetivo desta avaliação é verificar a qualidade metodológica dos estudos e determinar se os mesmos apresentam a possibilidade de viés no seu design, conduta e análise (JBI, 2020; Munn et al., 2023). Para esta RSL, foi selecionada a *JBI Critical Appraisal Checklist for Analytical Cross Sectional Studies*, de Joanna Briggs Institute (Anexo 1). Esta ferramenta é composta por um questionário de oito itens, cujas respostas variam entre “Sim”, “Não”, “Não está claro” e “Não se aplica” (JBI, 2020). De acordo com a informação disponível, não existe um ponto de corte universal, pelo que o mesmo deve ser definido pelos autores do estudo. Contudo, o JBI exclui estudos que apresentem uma baixa qualidade metodológica (Réus et al., 2011). Posto isto, ficou definido como qualidade metodológica Baixa estudos que obtenham uma pontuação entre 0-3, Moderada entre 4-5 e Alta entre 6-8.

Tabela 4

Avaliação da Qualidade Metodológica dos Estudos

Artigo	Título	Autores	Ano	Pontuação da Qualidade Metodológica
A1	<i>Addressing the Complex Links between Psychopathy and Childhood Maltreatment, Emotion Regulation, and Aggression—A Network Analysis in Adults</i>	Diana Moreia, Candy Silva, Patrícia Moreira, Tiago Miguel Pinto, Raquel Costa, Diogo Lamela, Inês Jongenelen, Rita Pasion	2024	8
A3	<i>Childhood attachment security mediates the effect of childhood maltreatment chronicity on emotion regulation patterns in emerging adulthood</i>	Jennifer M. Warmingham, Justin Russotti, Elizabeth D. Handley, Sheree L. Toth, Dante Cicchetti	2023	8
A5	<i>Coping methods used by college undergraduate and graduate students while experiencing childhood adversities and traumas</i>	Yasmine Perry, Matthew J. Cuellar	2022	3
A7	<i>Distinct emotion regulation skills explain psychopathology and problems in social relationships following</i>	Sara R. Berzenski	2019	8

	<i>childhood emotional abuse and neglect</i>			
A8	<i>Does childhood maltreatment make us more morally disengaged? The indirect effect of expressive suppression</i>	Alexandra Maftai, Ștefania Nițu	2024	7
A10	<i>Emotion Regulation and Mental Health among Men with Childhood Sexual Abuse Histories</i>	Jordan Snow, Jessie Moorman, Elisa Romano	2022	8
A11	<i>Emotion regulation deficits mediate childhood sexual abuse effects on stress sensitization and depression outcomes</i>	Ilya Yaroslavsky, Angela H. Bush, Christopher M. France	2022	8
A13	<i>Emotional Dysregulation among Young Adults: Relationship with Childhood Emotional Abuse</i>	Palwasha Ishrat Ali, Tahira Yousaf	2022	6
A14	<i>Impact of Childhood Maltreatment on Cognitive Function and Its Relationship With Emotion Regulation in Young Adults</i>	Min Seok Kim, Kyungmin Kim, Jihyun Nam, Seung Jae Lee, Sang Won Lee	2024	7
A15	<i>Link between History of Childhood Maltreatment and Emotion Dysregulation in Adults Suffering from Attention Deficit/Hyperactivity Disorder or Borderline Personality Disorder</i>	Eva Rüfenacht, Eléonore Pham, Rosetta Nicaastro, Karen Dieben, Roland Hasler, Sébastien Weibel, Nader Perroud	2021	7
A18	<i>Patterns of childhood maltreatment predict emotion processing and regulation in emerging adulthood</i>	Jennifer M. Warmingham, Erinn B. Duprey, Elizabeth D. Handley, Fred. A. Rogosch, Dante Cicchetti	2023	8

A20	<i>The impact of childhood maltreatment on adaptive emotion regulation strategies</i>	William Wooten, Claire Laubacher, Grace C. George, Sara Heyn, Ryan J. Herringa	2022	8
A23	<i>The role of maternal child maltreatment history and unsupportive emotion socialization in the intergenerational transmission of emotion regulation difficulties</i>	Sarah Cabecinha-Alati, Tina C. Montreuil, Rachel Langevin	2022	6

Feita a avaliação da qualidade metodológica, verificou-se que o artigo A5 não cumpre o valor necessário para ser incluído na amostra final de estudos. Posto isto, a revisão sistemática da literatura conta com um total de 12 artigos.

Capítulo 3 - Resultados

O terceiro capítulo destina-se à apresentação descritiva dos resultados obtidos nos artigos selecionados para leitura integral e que obtiveram pontuação positiva na avaliação da qualidade metodológica. Para facilitar a extração dos dados, criou-se uma tabela (Tabela 5) que permite identificar o artigo pelos autores e título do mesmo. A tabela permite ainda observar a amostra, os instrumentos utilizados e quais os resultados apurados. Seguidamente, são exploradas algumas características dos estudos, assim como os resultados de forma mais extensa.

Tabela 5

Extração dos Resultados Obtidos nos Artigos Incluídos

Artigo	Autores/Data	Título	Amostra	Instrumentos	Resultados
A1	Diana Moreia, Candy Silva, Patrícia Moreira, Tiago Miguel Pinto, Raquel Costa, Diogo Lamela, Inês Jongenelen, Rita Pasion (2024)	<i>Addressing the Complex Links between Psychopathy and Childhood Maltreatment, Emotion Regulation, and Aggression—A Network Analysis in Adults</i>	846 adultos com idades entre os 18 e 87 anos, com idade média de 30,9 anos. A maioria eram portugueses (98,81%) e possuíam o ensino secundário ou superior (85,46%). Mais de metade eram do sexo feminino (70,69%) e solteiros (63,83%).	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Triarchic Psychopathy Measure</i> (TriPM), para avaliar traços de psicopatia. • <i>Adversity History in Childhood Questionnaire</i> (ACE), para avaliar os maus-tratos infantis e negligência. • <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ), para avaliar os maus-tratos infantis e negligência. • <i>Difficulties in Emotional Regulation Scale</i> (DERS), para avaliar dificuldades na regulação emocional. • <i>Impulsive and Premeditated Aggression Scale</i> (IPAS), para avaliar a agressividade. 	<ul style="list-style-type: none"> - A desinibição foi correlacionada com abusos emocionais, físicos e sexuais. Relacionou-se também com dificuldades de regulação emocional, em concreto, o controlo de impulsos e a falta de consciência emocional. A desinibição foi ainda associada à agressividade reativa. - A maldade foi associada ao abuso sexual e à negligência física. Estava também relacionada com dificuldades emocionais. No entanto, não se associou à agressividade. - A audácia relacionou-se apenas com o abuso físico. Na audácia, verificou-se menores dificuldades de regulação emocional, apresentando um maior acesso a estratégias de regulação emocional. A audácia também não se relacionou com a agressividade.

<p>Jennifer M. Warmingham, Justin Russotti, Elizabeth D. Handley, Sheree L. Toth, Dante Cicchetti (2023)</p>	<p><i>Childhood attachment security mediates the effect of childhood maltreatment chronicity on emotion regulation patterns in emerging adulthood</i></p>	<p>399 participantes recrutados em duas vagas. A primeira vaga eram crianças entre os 10 e 12 anos. A segunda vaga era constituída por adultos entre os 18 e os 24 anos, que foram re-contactados para concluir o seguimento do estudo.</p>	<p>Na primeira vaga foram utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Maltreatment Classification System</i> (MCS), para avaliar experiências de maus-tratos infantis. • <i>Emotion Regulation Checklist</i> (ERC), para avaliar as capacidades de regulação emocional. • <i>Security Scale</i>, para avaliar a vinculação das crianças com as mães. <p>Na segunda vaga foram utilizados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Difficulties in Emotion Regulation Scale</i> (DERS), para avaliar dificuldades na regulação emocional. • <i>Emotion Regulation Questionnaire</i> (ERQ), para avaliar a regulação emocional. • <i>Positive and Negative Affect Scale</i> (PANAS-X), para avaliar o tipo de afeto, positivo ou negativo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Maus-tratos na infância foram associados a uma vinculação menos segura na infância e a desregulação emocional que se estende desde a infância até à idade adulta. - Uma maior segurança de vinculação previu regulação emocional adaptativa na idade adulta. - As dificuldades de regulação comportamental e emocional na infância predispõem o desenvolvimento de estratégias menos adaptativas na idade adulta. - Maior segurança de vinculação na infância permite ter acesso a informação sobre as emoções. Por outro lado, maior insegurança de vinculação aumenta a probabilidade de os jovens adultos terem um acesso mais limitado a estratégias eficazes para lidar com emoções fortes.
--	---	---	--	---

A7	Sara R. Berzenski (2019)	<i>Distinct emotion regulation skills explain psychopathology and problems in social relationships following childhood emotional abuse and neglect</i>	500 estudantes de psicologia. A idade mínima era 18 anos de idade. A maioria era do sexo feminino (66,2%) e de origem hispânica (48,2%).	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Childhood Trauma Questionnaire – Short Form (CTQ-SF)</i>, para avaliar o abuso e negligência emocional na infância. • <i>Difficulties in Emotion Regulation Scale (DERS)</i>, para avaliar dificuldades na regulação emocional. • <i>Brief Symptom Inventory (BSI)</i>, para avaliar sintomas de psicopatologia. • <i>Resilience Scale for Adults</i>, que avalia problemas nas relações sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> - O abuso emocional infantil foi significativamente associado ao aumento de dificuldades de regulação emocional focadas na resposta. Além disso, o abuso emocional tem um efeito direto significativo no aumento de psicopatologia e tem também efeito na capacidade de responder de forma adaptativa aos desafios emocionais. - A negligência emocional infantil teve um efeito indireto significativo no aumento de problemas nas relações sociais, através de dificuldades de regulação emocional focadas no antecedente. - Identificou-se uma associação entre negligência emocional infantil e problemas de regulação emocional focadas nos antecedentes. - Dificuldades de regulação emocional focadas na resposta devido ao acesso limitado de estratégias de regulação emocional.
A8	Alexandra Maftai, Ștefania Nițu (2024)	<i>Does childhood maltreatment make us more morally disengaged? The indirect effect of</i>	178 adultos de origem romena entre 18 e 56 anos, com idade média de 22,5 anos. A maioria eram do sexo feminino (143).	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Childhood Trauma Questionnaire – Short Form (CTQ)</i>, para avaliar os vários tipos de abuso infantil. • <i>Moral Disengagement Scale (MDS)</i>, que avalia as estratégias de neutralização moral no contexto do bullying. 	<ul style="list-style-type: none"> - A desvinculação moral estava positivamente associado ao abuso físico, abuso sexual e à supressão expressiva. - Os abusos emocionais e sexuais estavam positivamente ligados à supressão expressiva. - As estratégias de regulação emocional desadaptativas, como a supressão expressiva, estavam positivamente ligadas aos maus-tratos infantis e desvinculação moral.

		<i>expressive suppression</i>		<ul style="list-style-type: none"> • <i>Emotion Regulation Questionnaire (ERQ)</i>, que avalia a regulação emocional. 	<ul style="list-style-type: none"> - A supressão expressiva foi um mediador significativo entre o abuso emocional e sexual e o desvinculação moral. - Confirma-se um impacto significativo das estratégias de regulação desadaptativas, como a supressão expressiva, na relação entre o abuso infantil e posteriores cognições e comportamentos negativos.
A10	Jordan Snow, Jessie Moorman, Elisa Romano (2022)	<i>Emotion Regulation and Mental Health among Men with Childhood Sexual Abuse Histories</i>	69 homens entre os 25 e os 60 anos, com idade média de 39,8 anos.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Sexual Victimization Survey (SVS)</i>, que avalia experiências de abuso sexual infantil. • <i>Achenbach System of Empirically Based Assessment – Adult Self-Report (ASR)</i>, para avaliar dificuldades de internalização e externalização • <i>Semi-Structured Emotion Regulation Interview (SERI)</i>, que avalia a regulação emocional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os participantes referiram utilizar com maior frequência estratégias desadaptativas do que adaptativas. - A supressão expressiva foi a estratégia utilizada mais frequentemente. - As estratégias menos utilizadas foram a procura de apoio social, a aceitação e a reavaliação cognitiva. - Os participantes classificaram as estratégias desadaptativas como mais eficazes. - O maior uso de estratégias de regulação emocional desadaptativas foi associado a maiores dificuldades de internalização e externalização. - As estratégias adaptativas previram menores dificuldades na saúde mental, ao contrário das estratégias desadaptativas.
	Ilya Yaroslavsky, Angela H.	<i>Emotion regulation deficits</i>	142 adultos com idade média de 26,63 anos. 71% eram do	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Center for Epidemiological Depression Scale (CES-D)</i>, para avaliar os níveis de depressão. 	

A11	Bush, Christopher M. France (2022)	<i>mediate childhood sexual abuse effects on stress sensitization and depression outcomes</i>	sexo feminino e 29% do sexo masculino.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Perceived Stress Scale</i> (PSS), para avaliar o grau que os participantes avaliam os acontecimentos prévios. • <i>Feelings and Me</i> (FAM), para avaliar as respostas emocionais. • <i>Ecological Momentary Assessment</i> (EMA), para avaliar os afetos positivos e negativos em tempo real. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sujeitos que sofreram de abuso sexual infantil apresentaram níveis mais altos de sintomas depressivos e maior sensibilidade ao stress. - Estes indivíduos foram também associados a um maior uso de estratégias de regulação emocional desadaptativas, como a ruminação e evitação, e menos uso de adaptativas, como a reavaliação cognitiva. Estratégias desadaptativas aumentam os sintomas depressivos e o afeto negativo em resposta ao stress, por outro lado, as estratégias adaptativas reduzem os sintomas depressivos e preservam o afeto positivo. - Histórico de abuso sexual infantil tem um efeito negativo na capacidade de regular emoções, o que aumenta a sensibilização ao stress e os sintomas depressivos.
A13	Palwasha Ishrat Ali, Tahira Yousaf (2022)	<i>Emotional Dysregulation among Young Adults: Relationship with Childhood Emotional Abuse</i>	253 adultos com idades entre os 18 e os 35 anos. 63,6% eram do sexo feminino e 36,4% do sexo masculino.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Comprehensive Child Maltreatment Scale</i> (CCMS), que avalia diferentes tipos de maus-tratos infantis. • <i>Difficulties in Emotional Dysregulation Scale</i> (DERS), para avaliar o nível de desregulação emocional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Verificou-se uma relação positiva entre o abuso emocional na infância e a desregulação emocional. - Os primogénitos apresentaram uma desregulação emocional significativa comparando com os filhos do meio e o último filho. - Os primogénitos têm mais dificuldades de regulação emocional, do que os filhos do meio e o último filho.

<p>Min Seok Kim, Kyungmin Kim, Jihyun Nam, Seung Jae Lee, Sang Won Lee (2024)</p>	<p><i>Impact of Childhood Maltreatment on Cognitive Function and Its Relationship With Emotion Regulation in Young Adults</i></p>	<p>149 jovens adultos que foram divididos em dois grupos: os que sofreram de maus-tratos (n=36) e os que não sofreram (n=113)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Wechsler Adult Intelligence Scale – IV (WAIS-IV)</i>, que avalia o funcionamento cognitivo. • <i>Central Nervous System Vital Signs (CNS-VS)</i>, para avaliar o funcionamento cognitivo. • <i>Early Trauma Inventory Self Report – Short Form (ETISR-SF)</i>, que avalia experiências traumáticas. • <i>Center for Epidemiologic Studies Depression Scale (CES-D)</i>, que avalia sintomas depressivos. • <i>Difficulties in Emotion Regulation Scale (DERS)</i>, que avalia as dificuldades na regulação emocional. • <i>Cognitive Emotion Regulation Questionnaire (CERQ)</i>, para avaliar estratégias de regulação emocional. • <i>State-Trait Anxiety Inventory (STAI)</i>, que foi utilizado para avaliar os níveis de ansiedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O grupo de maus-tratos apresentou pontuações mais elevadas no CES-D, DERS e estratégias desadaptativas no CERQ e, pontuações mais baixas de QI do que o grupo sem maus-tratos. - Os valores do raciocínio perceptivo, a memória de trabalho e a velocidade de processamento são mais baixos no grupo de maus-tratos, assim como a velocidade psicomotora, o tempo de reação, a flexibilidade cognitiva, a função executiva, a atenção sustentada e a velocidade motora. - O declínio da memória de trabalho está associado à utilização de estratégias emocionais desadaptativas, como é o caso da catastrofização. - O grupo de maus-tratos exibiu significativamente mais sintomas depressivos, dificuldades na regulação emocional e maior dependência de estratégias inadequadas de regulação emocional.
---	---	---	---	---

A14

A15

Eva Rüfenacht, Eléonore Pham, Rosetta Nicastro, Karen Dieben, Roland Hasler, Sébastien Weibel, Nader Perroud (2021)	<i>Link between History of Childhood Maltreatment and Emotion Dysregulation in Adults Suffering from Attention Deficit/Hyperactivity Disorder or Borderline Personality Disorder</i>	470 adultos, 277 do sexo feminino e 193 do sexo masculino. A amostra foi dividida em quatro grupos: n=279 com PHDA, n=70 com PPB, n=60 com ambas e 61 sem nenhum dos diagnósticos.	<ul style="list-style-type: none">• <i>Emotion Reactivity Scale (ERS)</i>, para avaliar a reatividade emocional.• <i>Cognitive Emotional Regulation Questionnaire (CERQ)</i>, que avalia diferentes estratégias de regulação emocional.• <i>Childhood Trauma Questionnaire (CTQ)</i>, para avaliar maus-tratos infantis.• <i>Relationship Scales Questionnaire (RSQ)</i>, para avaliar os estilos de vinculação.	<ul style="list-style-type: none">- Os grupos com PHDA, PPB e PPB+PHDA apresentaram, significativamente, maior desregulação emocional que o grupo de controlo.- Os grupos com PPB e PPB+PHDA utilizaram com maior frequência estratégias emocionais desadaptativas do que o grupo de controlo.- Independentemente do grupo clínico, os maus-tratos na infância estiveram associados a pontuações totais mais elevadas na escala que mede a reatividade emocional.- Em toda a amostra, apenas as estratégias desadaptativas foram, significativamente, associadas aos maus-tratos infantis e aqueles que foram expostos a este tipo de experiências tendem a utilizar mais estratégias desadaptativas do que adaptativas.- As quatro subescalas de estratégias desadaptativas (autoculpabilização, ruminação, culpabilização dos outros e catastrofização) estavam significativamente associadas a maus-tratos infantis.- De entre as estratégias adaptativas, a aceitação foi significativamente associada aos maus-tratos infantis.- Os maus-tratos infantis, previram pontuações mais elevadas para os estilos de vinculação inseguros.- Os maus-tratos na infância têm impacto na desregulação emocional.
---	--	--	---	---

A18	Jennifer M. Warmingham, Erinn B. Duprey, Elizabeth D. Handley, Fred. A. Rogosch, Dante Cicchetti (2023)	<i>Patterns of childhood maltreatment predict emotion processing and regulation in emerging adulthood</i>	Os participantes foram recrutados em duas vagas. A primeira enquanto crianças entre os 10 e 12 anos. A segunda vaga com adultos com idades entre os 18 e os 24 anos. No final, a amostra conta com 427 participantes.	<p>Na primeira vaga:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Maltreatment Classification System</i> (MCS), para avaliar a ocorrência dos maus-tratos infantis. <p>Na segunda vaga:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Difficulties in Emotion Regulation Scale</i> (DERS), que avalia as dificuldades na regulação emocional. • <i>Emotion Regulation Questionnaire</i> (ERQ), que avalia a regulação emocional. • <i>Positive and Negative Affect Scale – Expanded Form</i> (PANAS-X), para avaliar o tipo de afeto, positivo ou negativo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo <i>distress</i> foi associado a níveis mais elevados de emoções positivas e maior <i>distress</i>, ligado a mais emoções negativas e menos emoções positivas. - Os adultos maltratados tinham menores probabilidades de apresentar consciência das emoções e menor uso da reavaliação para lidar com emoções fortes. - Múltiplos subtipos de maus-tratos aumentam o risco de regulação emocional desadaptativa, de os adultos se terem dificuldades de regulação emocional baixa percepção e baixas emoções positivas.
	William Wooten, Claire Laubaucher, Grace C. George, Sara Heyn, Ryan J.	<i>The impact of childhood maltreatment on adaptive emotion</i>	200 adultos, com idades entre os 21 e os 69 anos. A maioria era do sexo masculino (56%).	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ), para avaliar experiências de maus-tratos infantis. • <i>Multidimensional Assessment of Interoceptive Awareness</i>, que 	<ul style="list-style-type: none"> - Indivíduos com histórico de abuso infantil mostraram maior intensidade emocional perante imagens positivas e processaram emoções positivas de forma mais intensa. Em todos os ensaios, as imagens positivas receberam classificações mais extremas do que as imagens negativas. Em imagens negativas, não se verificou

A20	Herringa (2022)	<i>regulation strategies</i>	<p>avalia a percepção das sensações corporais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Beck Depression Inventory</i> (BDI), que avalia sintomatologia depressiva. • <i>State-Trait Anxiety Inventory</i> (STAI), que avalia os níveis de ansiedade. 	<p>diferenças significativas entre os grupos quanto à intensidade emocional.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A reavaliação foi a estratégia mais eficaz para regular emoções positivas e negativas e demonstrou maior eficácia na diminuição da intensidade emocional, comparando com a aceitação e o grupo sem instrução. - A aceitação demonstrou-se eficaz nos diferentes níveis de severidade de abuso ao lidar com emoções negativas. - A reavaliação demonstrou ser mais eficaz do que a aceitação no impacto das emoções. - Os ensaios sem instrução tiveram classificações mais elevadas, relatando emoções mais intensas. - Em níveis mais elevados de gravidade de abuso, tanto reavaliação como a aceitação demonstraram ser eficazes.
-----	--------------------	----------------------------------	---	---

<p>Sarah Cabecinha-Alati, Tina C. Montreuil, Rachel Langevin (2022)</p>	<p><i>The role of maternal child maltreatment history and unsupportive emotion socialization in the intergenerational transmission of emotion regulation difficulties</i></p>	<p>185 pares de mães e jovens adultos. A idade média das mães era de 51,19 anos e a idade média dos jovens adultos de 20.88 anos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Early Trauma Inventory Self-Report – Short Form (ETISR-SF)</i>, que avalia diversas experiências de maltrato. • <i>IPSCAN Child Abuse Screening Tool – Retrospective Version (ICAST-R)</i>, para avaliar experiências de negligência infantil. • <i>Revised Conflict Tactics Scale (CTS2)</i>, para avaliar a violência entre parceiros íntimos. • <i>Cumulative Child Maltreatment</i>, para avaliar as experiências de maus-tratos infantis. • <i>Coping with Children’s Negative Emotions Scale – Adolescents’ Perceptions Version (CCNES-AP)</i>, para avaliar as percepções dos jovens adultos sobre as respostas das mães aos seus afetos negativos quando eram adolescentes. • <i>Difficulties in Emotion Regulation Scale – Brief Version (DERS-18)</i>, para avaliar dificuldades de regulação emocional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em contextos de elevadas dificuldades de regulação emocional, as mães que experienciaram mais tipos de maus-tratos infantis, eram mais propensas a apresentar comportamentos ausentes de apoio para com as filhas. - Os comportamentos carentes de apoio das mães durante a adolescência, foram associadas a maiores dificuldades de regulação emocional em jovens adultos. - O efeito indireto dos maus-tratos infantis maternos sobre as dificuldades de regulação emocional dos jovens apenas foi significativo em mães com dificuldades de regulação emocional elevadas. - Dificuldades maternas de controlo de impulsos foi a dimensão que se correlacionou mais fortemente com os comportamentos carentes de apoio.
---	---	---	--	--

Características dos Artigos

A revisão sistemática da literatura, contou com 12 artigos, em que todos eles foram publicados no intervalo de anos 2019-2024, tal como foi previamente estabelecido. Todos os artigos incluídos eram de cariz quantitativo, mas destacam-se os artigos A3 e A18 que apresentaram um design longitudinal, uma vez que foram conduzidos em dois períodos de tempo distintos. Tendo isto em conta e apesar de numa primeira etapa os participantes serem menores de idade, quando foram recontactados já se encontravam em idade adulta.

Considerando as principais variáveis do presente estudo, os maus-tratos infantis e as estratégias de regulação emocional, foram diversos os instrumentos utilizados para medir ou avaliar as mesmas. No que concerne aos maus-tratos infantis salienta-se o *Adversity History in Childhood Questionnaire* (ACE), o *Childhood Trauma Questionnaire* (CTQ), o *Maltreatment Classification System* (MCS), o *Childhood Trauma Questionnaire – Short Form* (CTQ-SF), o *Comprehensive Child Maltreatment Scale* (CCMS), o *Sexual Victimization Survey* (SVS), o *IPSCAN Child Abuse Screening Tool – Retrospective Version* (ICAST-R), o *Cumulative Child Maltreatment* e o *Early Trauma Inventory Self Report – Short Form* (ETISR-SF).

Quanto às estratégias de regulação emocional destaca-se o *Difficulties in Emotional Regulation Scale* (DERS), o *Emotion Regulation Checklist* (ERC), o *Emotion Regulation Questionnaire* (ERQ), o *Semi-Structured Emotion Regulation Interview* (SERI), o *Feelings and Me* (FAM), o *Difficulties in Emotional Dysregulation Scale* (DERS), o *Difficulties in Emotion Regulation Scale – Brief Version* (DERS-18) e o *Cognitive Emotion Regulation Questionnaire* (CERQ).

Além destes, foram administrados instrumentos para avaliar traços de psicopatia, o *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM); para medir a agressividade, o *Impulsive and Premeditated Aggression Scale* (IPAS); para avaliar a vinculação, o *Security Scale* e o *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ); para avaliar o tipo de afeto, o *Positive and Negative Affect Scale* (PANAS-X) e o *Ecological Momentary Assessment* (EMA); para avaliar sintomas psicopatológicos, o *Brief Symptom Inventory* (BSI); para aferir os problemas nas relações sociais, o *Resilience Scale for Adults*; para medir as estratégias de neutralização moral, o *Moral Disengagement Scale* (MDS); para avaliar dificuldades de internalização e externalização, o *Achenbach System of Empirically Based Assessment – Adult Self Report* (ASR); para avaliar o funcionamento cognitivo, o *Wechsler Adult Intelligence Scale – IV* (WAIS-IV) e o *Central Nervous System Vital*

Signs (CNS-VS); para avaliar sintomas depressivos, o *Center for Epidemiologic Studies Depression Scale* (CES-D) e o *Beck Depression Inventory* (BDI); para medir os níveis de ansiedade, o *State-Trait Anxiety Inventory* (STAI); para avaliar a reatividade emocional, o *Emotion Reactivity Scale* (ERS); para avaliar a percepção das sensações corporais, o *Multidimensional Assessment of Interoceptive Awareness*; para medir a violência entre parceiros íntimos, o *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2); para avaliar a percepção de afetos negativos, o *Coping with Children's Negative Emotions Scale – Adolescents' Perceptions Version* (CCNES-AP); e para avaliar a percepção de eventos prévios, o *Perceived Stress Scale* (PSS).

Resultados Obtidos

No artigo A1, o estudo tinha como finalidade proporcionar uma visão sobre a interação entre diferentes traços de psicopatia e várias dimensões de maus-tratos infantis, regulação emocional e agressividade. No que diz respeito à dimensão desinibição, esta foi correlacionada com abusos emocionais, físicos e sexuais, mas não com a negligência. Relacionou-se, ainda, com dificuldades de regulação emocional, em específico, com o controlo de impulsos e ausência de consciência emocional. Além disso, foi associada à agressividade reativa. Quanto à maldade, esta foi associada ao abuso sexual e à negligência física, assim como também se relacionou com dificuldades emocionais. Por outro lado, não se associou à agressividade. Por fim, a audácia, relacionou-se exclusivamente com o abuso físico e verificou-se menos dificuldades de regulação emocional, apresentando um maior acesso a estratégias de regulação emocional.

O artigo A3 pretendia, através de um estudo longitudinal, avaliar a segurança de vinculação entre mãe e filho durante o desenvolvimento da infância, sendo este um mediador entre os maus-tratos na infância e os padrões de regulação emocional durante a idade adulta emergente. Os resultados sugerem que os maus-tratos na infância estavam associados a uma vinculação menos segura e que a desregulação emocional tinha início na infância e se prolongava até à idade adulta. Uma vinculação mais insegura, aumenta a possibilidade de ter um acesso mais limitado a estratégias eficazes, quando deparados com emoções fortes. Por outro lado, uma maior segurança de vinculação antecipava uma regulação emocional adaptativa em adulto, uma vez que esta vinculação permite aceder a informação sobre as emoções. Verificou-se também que as dificuldades de regulação

comportamental e emocional na infância, predeterminavam o desenvolvimento de estratégias menos adaptativas em adulto.

O artigo A7 tinha como objetivo explorar os caminhos específicos de desenvolvimento associados ao abuso emocional e à negligência emocional na infância, analisando como esses tipos de maus-tratos impactam a regulação emocional e os problemas de ajustamento psicológico e social na vida adulta. Os resultados mostraram que o abuso emocional aumentava as dificuldades de regulação emocional focadas na resposta, tendo um efeito direto no aumento de psicopatologia e na capacidade de responder adaptativamente às demandas emocionais. A negligência emocional, ao contrário do abuso emocional, aumentava as dificuldades de regulação emocional focadas no antecedente e traduziu-se em dificuldades nas relações sociais. Além disso, verificou-se que as dificuldades focadas na resposta se devem ao escasso acesso de estratégias de regulação emocional.

No artigo A8, explorou-se se os maus-tratos na infância dão origem à desvinculação moral através de estratégias de regulação emocional, tais como, a supressão expressiva e a reavaliação cognitiva. Segundo os resultados obtidos, a desvinculação moral estava associada ao abuso físico, ao abuso sexual e à supressão expressiva. Quanto aos abusos emocionais e sexuais, estes estavam positivamente relacionados à supressão expressiva, mas não à reavaliação cognitiva. Verificou-se, ainda, que as estratégias de regulação emocional desadaptativas, neste caso a supressão expressiva, se associavam aos maus-tratos infantis e à desvinculação moral. Ademais, a supressão expressiva mostrou ser um forte mediador entre o abuso emocional e sexual e a desvinculação moral. De modo geral, comprovou-se que existe um considerável impacto das estratégias desadaptativas (ao contrário da reavaliação cognitiva), na relação entre o abuso infantil e cognições e comportamentos negativos futuros.

Quanto ao artigo A10, este procurou analisar a ligação entre diferentes estratégias de regulação emocional e a saúde mental, considerando ainda dificuldades de internalização e externalização. De acordo com os resultados, as estratégias desadaptativas eram empregues com maior frequência, do que as adaptativas, e os participantes relataram que as desadaptativas eram as mais eficazes. A estratégia utilizada com maior regularidade foi a supressão expressiva, sendo que as menos aplicadas correspondem à procura de apoio social, à aceitação e à reavaliação cognitiva. Um uso mais elevado de estratégias desadaptativas foi associado a maiores dificuldades de internalização e externalização. Em contrapartida, uma maior eficácia percebida de reavaliação positiva, diminuía as dificuldades de externalização. Os resultados

confirmam que estratégias adaptativas apontam para menores dificuldades na saúde mental.

O estudo do artigo A11 procurou investigar como os défices na regulação emocional mediavam os efeitos do abuso sexual infantil na sensibilização ao stress e na sintomatologia depressiva. Os resultados mostram que os sujeitos vítimas de abuso sexual infantil apresentam valores mais elevados de sintomas depressivos e maior sensibilidade ao stress. Além disso, estes sujeitos têm tendência a utilizar mais estratégias de regulação emocional desadaptativas, como a ruminação e a evitação, do que positivas, como a reavaliação cognitiva. Enquanto as estratégias desadaptativas aumentam os sintomas depressivos e o afeto negativo em resposta ao stress, as estratégias adaptativas têm um efeito contrário e reduzem sintomas depressivos e mantêm o afeto positivo. Por fim, o histórico de abuso sexual, afeta a capacidade de regular as emoções, o que levou a um aumento da sensibilização ao stress e da sintomatologia depressiva.

O artigo A13 pretendia explorar a relação entre o abuso emocional infantil e a desregulação emocional em jovens adultos. De acordo com os resultados obtidos, confirmou-se uma relação positiva entre o abuso emocional infantil e a desregulação emocional. Verificou-se, também, que os filhos primogénitos mostraram desregulação emocional significativa e maiores dificuldades de regulação emocional, quando comparado com os filhos do meio e o último filho.

No que diz respeito ao artigo A14, o foco foi o estudo do impacto dos maus-tratos na infância, na função cognitiva de adultos emergentes e a sua relação com a regulação emocional. Em termos gerais, o grupo de maus-tratos revelou pontuações mais elevadas nos instrumentos que avaliam sintomatologia depressiva, dificuldades de regulação emocional e estratégias desadaptativas e, pontuações mais baixas de QI, do que o grupo sem maus-tratos infantis. Ou seja, pessoas que sofrem de maus-tratos infantis, exibem mais sintomas depressivos, dificuldades na regulação emocional e maior dependência de estratégias desadaptativas. Além disso, os valores de raciocínio perceptivo, a memória de trabalho, velocidade de processamento, velocidade psicomotora, o tempo de reação, a flexibilidade cognitiva, a função executiva, a atenção sustentada e a velocidade motora, foram mais baixos no grupo de maus-tratos infantis. Por fim, verificou-se que o decréscimo da memória de trabalho está associado ao uso de estratégias desadaptativas, como a catastrofização.

O objetivo do artigo A15 foi explorar a relação entre maus-tratos infantis e desregulação emocional. De acordo com os resultados apurados, à exceção do grupo de

controle, todos os outros apresentaram níveis mais elevados de desregulação emocional. Os grupos que empregaram com maior frequência estratégias desadaptativas e demonstraram níveis de vinculação evitativa, mais elevados que o grupo de controle, foram os grupos com PPB (Perturbação de Personalidade Borderline) e PPB+PHDA (Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção). Os maus-tratos na infância, independentemente do grupo clínico, associaram-se a valores mais elevados na escala que mede a reatividade emocional. Considerando a amostra total, apenas as estratégias desadaptativas foram substancialmente associadas aos maus-tratos. Ademais, os indivíduos que foram expostos a tais experiências traumáticas, tendem a utilizar mais estratégias desadaptativas do que adaptativas. De entre as estratégias desadaptativas, as mais associadas aos maus-tratos infantis foram a autoculpabilização, a ruminação, a culpabilização dos outros e a catastrofização. Quanto às estratégias adaptativas, a mais associada foi a aceitação. Concluindo, os maus-tratos na infância mostraram ter impacto na desregulação emocional.

O artigo A18, tinha como finalidade perceber a ligação entre diferentes padrões de maus-tratos infantis crônicos e as várias dimensões de regulação emocional na idade adulta emergente. Os resultados mostraram que testemunhos de *distress* baixo relacionam-se com níveis mais elevados de emoções positivas. No entanto, relatos de *distress* mais elevado associaram-se a mais emoções negativas e menos emoções positivas. Verificou-se ainda que as vítimas de maus-tratos tinham menos probabilidade de consciencialização sobre as emoções e dar menos uso a estratégias, como a reavaliação, perante emoções fortes. Além disso, a exposição a maus-tratos infantis aumentou a chance de os adultos terem dificuldades de regulação emocional, baixa percepção e baixas emoções positivas. Finalmente, múltiplos subtipos de maus-tratos aumentam o risco de desenvolver estilos de regulação emocional desadaptativa.

O artigo A20 pretendia explorar o impacto dos maus-tratos infantis no uso das estratégias de reavaliação e aceitação na idade adulta, através da visualização de imagens positivas e negativas. Para isto, foram ainda incorporados ensaios de “não instrução” ao observar as tais imagens. Segundo os resultados, os indivíduos que sofreram de maus-tratos infantis apresentaram maior intensidade emocional perante imagens positivas e processaram emoções positivas mais intensamente. As imagens positivas obtiveram classificações mais elevadas do que as negativas e, quanto às imagens negativas, nestas não se verificou diferenças entre os grupos quanto à intensidade emocional. No que concerne à reavaliação, quando comparada com a aceitação e não instrução, foi a estratégia mais eficaz para regular emoções positivas e negativas, demonstrando ainda, maior eficácia na diminuição da intensidade emocional. A aceitação demonstrou ser

eficaz em lidar com emoções negativas, nos diferentes graus de severidade de abuso. Além disso, quando a gravidade do abuso é elevada, tanto a reavaliação como a aceitação são eficazes. Ademais, verificou-se que a reavaliação é mais eficaz do que a aceitação no impacto das emoções. No que concerne aos ensaios sem instrução, verificaram-se emoções mais intensas.

Por fim, o artigo A23 tinha como objetivo examinar como é que a história materna de maus-tratos infantis iria impactar a regulação materna e identificar possíveis mecanismos envolvidos na passagem intergeracional de dificuldades de regulação emocional. Descobriu-se que as mães que experienciaram mais tipos de maus-tratos infantis, eram mais propensas a apresentar comportamentos ausentes de apoio para com os filhos, apenas em contextos de elevadas dificuldades de regulação emocional. Os resultados demonstraram que os comportamentos maternos carentes de apoio durante a adolescência, estavam associados a dificuldades de regulação emocional mais altas em jovens adultos. Além disso, foi ainda verificado que o efeito indireto dos maus-tratos infantis maternos sobre as dificuldades de regulação emocional dos jovens, apenas se demonstrou significativo em mães com dificuldades de regulação emocional elevadas. Quanto ao controlo de impulsos materno, esta foi a dimensão que se correlacionou mais fortemente com as recordações dos jovens sobre os comportamentos ausentes de apoio.

Capítulo 4 - Discussão

A presente RSL teve como objetivo compreender como é que os maus-tratos vivenciados durante um período crucial para o desenvolvimento das crianças, impacta a regulação emocional dos adultos, nomeadamente, as estratégias de regulação emocional utilizadas.

Através dos resultados, apurou-se que os maus-tratos infantis estavam associados a uma vinculação insegura na infância e a desregulação emocional. Segundo vários autores, as crianças que experienciam situações adversas tendem a desenvolver uma vinculação menos segura na infância com os seus cuidadores (Dvir et al., 2014; Lavi et al., 2019; Silva & Mota, 2018). Além disto, a desregulação emocional é consequência deste tipo de vinculação, uma vez que as interações iniciais entre pais e filhos são determinantes para o desenvolvimento do funcionamento emocional da criança (Rowell & Neal-Barnett, 2022). Sendo assim, as crianças maltratadas exibem maior desregulação emocional do que aquelas que não sofrem de maus-tratos (Dvir et al., 2014; Gruhn & Compas, 2020; Lavi et al., 2019; Maughan & Cicchetti, 2002; Moreira et al., 2024). Uma vinculação insegura foi também associada a um acesso mais limitado a estratégias de regulação emocional eficazes para lidar com emoções mais fortes e, por outro lado, uma vinculação segura permite aos jovens desenvolver uma regulação emocional adaptativa e ter mais conhecimento sobre as suas emoções. De acordo com Duarte (2014), os sujeitos com vinculação insegura utilizam estratégias disfuncionais, ao contrário daqueles com uma vinculação segura. Uma vinculação segura permite uma interação sensível e incentiva a expressão livre das emoções da criança, o que faz com que esta consiga identificar e rotular as mesmas, permitindo maior consciência emocional e capacidade para lidar com emoções negativas (Brumariu, 2015).

Os resultados analisados demonstram uma ligação entre maus-tratos infantis e sintomatologia depressiva, dificuldades de regulação emocional, maior uso de estratégias desadaptativas, menor uso de reavaliação e consciência emocional, e maior reatividade emocional. Segundo a literatura encontrada, existe concordância entre diversos autores, comprovando-se uma clara associação entre maus-tratos na infância e o desenvolvimento de depressão na vida adulta (ElBarazi, 2023; Lee et al., 2019; Nurius et al., 2013). Além disto, o estudo de Moreira et al. (2024) e ElBarazi (2023) suporta a correlação entre experiências adversas na infância e dificuldades de regulação emocional. Neste sentido, vítimas de maus-tratos, têm maior tendência a utilizar estratégias desadaptativas (Heleniak et al., 2016), como é o caso da supressão (Hoffman

et al., 2023), da ruminação (Heleniak et al., 2016) e do evitamento (Gruhn & Compas, 2020) para lidar com as suas emoções. Consequentemente, fazem menor uso de estratégias adaptativas (Lee et al., 2019), como é o caso da reavaliação (Liu et al., 2024), assim como apresentam menor consciência e clareza emocional (Lee et al., 2019). Ademais, Heleniak et al. (2016) observaram uma ligação entre maus-tratos e elevada reatividade emocional, possivelmente devido a uma adaptação às experiências de perigo mais primordiais, experiências essas que provocam alterações duradouras na forma como processam informações emocionais, levando a uma maior sensibilidade e resposta a possíveis ameaças.

Os maus-tratos infantis, segundo os resultados obtidos, aumentam a probabilidade de os adultos experienciarem baixas emoções positivas. Esta conclusão foi suportada por Wooten et al. (2024), assim como Lavi et al. (2019), que consideram que apresentar níveis mais elevados de emoções negativas e menores de emoções positivas. Adicionalmente, Hoffman et al. (2023) sugerem que tal pode estar relacionado com o uso de supressão expressiva, uma vez que os indivíduos podem avaliar as suas emoções positivas como inaceitáveis ou não merecedoras das mesmas, tentando assim suprimi-las. Um dos resultados obtidos diz respeito às pessoas que vivenciaram maus-tratos infantis sentirem emoções positivas de forma intensa, e isto foi suportado por Wooten et al. (2024).

Indo ao encontro dos resultados obtidos, Delaney-Black et al. (2002) afirmam haver um relação entre os maus-tratos infantis e o QI da criança, nomeadamente, a exposição à violência poder inibir o funcionamento intelectual da mesma. Adicionalmente, estas crianças tendem a apresentar desempenhos académicos mais fracos e isso pode dever-se a processos fundamentais de desenvolvimento que são perturbados durante o crescimento das crianças (Romano et al., 2015). Além disto, e de acordo com os resultados apurados, existe uma associação entre maus-tratos infantis e baixa flexibilidade cognitiva (Spann et al., 2012), baixa função executiva (Letkiewicz et al., 2021; Mothes et al., 2015; Spann et al., 2012), baixa função cognitiva (Letkiewicz et al., 2021; Lynch & Widom, 2022; Roberts et al., 2022), pior memória de trabalho (Roberts et al., 2022) e diminuição da velocidade de processamento visual (Mothes et al., 2015). Para além disto, a memória de trabalho foi associada ao uso de estratégias desadaptativas, como a catastrofização, e Zhao e Zhang (2024), acreditam que treinar a memória de trabalho leva ao aumento de estratégias adaptativas e, por conseguinte, à diminuição de estratégias inadequadas, como a catastrofização.

Quanto ao abuso sexual, os resultados indicam que quem sofreu este tipo de abuso utiliza mais frequentemente estratégias desadaptativas, como a ruminação e o evitamento, e a supressão foi a estratégia empregue mais vezes. Contrariamente, estratégias adaptativas como a aceitação, reavaliação cognitiva e a procura de apoio social foram as menos utilizadas. Ademais, as estratégias desadaptativas foram associadas a maiores dificuldades de internalização, externalização e afeto negativo. Segundo Zhang et al. (2024), a ruminação e o evitamento são utilizados assiduamente por vítimas de maus-tratos. Isto pode dever-se à tentativa de evitar ou suprimir fatores stressantes e emoções indesejadas (Gruhn & Compas, 2020). Fonseca et al. (2021) defendem que as crianças que sofreram de abuso sexual tendem a utilizar com maior incidência estratégias inadequadas para a faixa etária e Liu et al. (2024) descobriram que vítimas desse abuso utilizam com maior frequência a supressão expressiva. Seguindo esta linha de pensamento, Gruhn e Compas (2020) afirmam que as pessoas que sofreram de abuso fazem maior utilização de estratégias que suprimem as suas emoções. McLafferty et al. (2020) distinguem o uso de supressão entre homens e mulheres, afirmando que o sexo masculino tende a utilizar com maior frequência esta estratégia, em vez de procurarem apoio social. Isto pode dever-se às barreiras que os homens sentem em revelar este tipo de abuso, nomeadamente, as normas culturais sobre a masculinidade (por exemplo, medo de serem rotulados como homossexuais) que acabam por desencorajar a partilha destas experiências (Easton et al., 2014). Romano et al. (2019) verificaram que quanto mais tempo os indivíduos esperam para revelar o abuso sexual, maior a probabilidade de desenvolverem dificuldades externalizantes. De acordo com Zhang et al. (2024), as estratégias desadaptativas, como a ruminação e a catastrofização, mediarão a relação entre maus-tratos, como o abuso sexual, e os problemas internalizantes, tais como a ansiedade e a depressão. Em concordância com os resultados obtidos, Santos (2020) afirma que as pessoas que sofreram de abuso sexual infantil têm patologia internalizante aumentada, nomeadamente depressão, ansiedade e stress pós-traumático. Para além disto, o abuso sexual está inegavelmente relacionado com afeto negativo (Fonseca et al., 2021; Lavi et al., 2019) e a utilização de estratégias adaptativas, como a autocompaixão, mostrou-se eficaz na redução deste tipo de afeto (Wooten et al., 2024). Ademais, o uso de estratégias adaptativas em casos de abuso sexual infantil, como a reavaliação cognitiva, não só mantém o afeto positivo, como reduz os sintomas depressivos e ansiógenos, promovendo a saúde mental e o bem-estar psicológico (Brewer et al., 2016; McLafferty et al., 2020).

Um dos resultados mostrou que a desvinculação moral estava positivamente associada aos abusos físico e sexual e à supressão expressiva. Além disto, os resultados afirmam que os abusos emocionais e sexuais estavam ligados ao uso de supressão

expressiva e que estratégias desadaptativas, como a supressão, estavam ligadas aos maus-tratos infantis e desvinculação moral. De acordo com a literatura, o abuso físico foi associado à desvinculação moral (Lu et al., 2024), assim como o abuso sexual (D'Urso et al., 2019). Segundo um estudo de Maftai et al. (2021), que investiga a relação entre hostilidade, desvinculação moral cívica e estratégias de regulação emocional em jovens adultos, não se verificou uma correlação significativa entre o uso de supressão e desvinculação moral. Quanto ao abuso emocional e supressão expressiva, confirmou-se esta ligação e um efeito indireto no desenvolvimento de psicopatologia depressiva, possivelmente por as crianças e adolescentes serem dependentes dos seus cuidadores, o que pode fazer com que estes suprimam emoções negativas com receio do abandono dos progenitores (Zhou & Zhen, 2022). Além disso, Gruhn e Compas (2020), sugerem que demonstrar emoções num ambiente ameaçador pode ser perigoso, e por isso, as crianças optam por suprimi-las. Os maus-tratos infantis foram associados ao uso de supressão (Gruhn & Compas, 2020; Hoffman et al., 2023), por outro lado, e contrário aos resultados obtidos na presente revisão, Alivari et al. (2024) não estabeleceram relação entre abuso sexual e a supressão.

A partir dos resultados, verificou-se que o abuso emocional estava significativamente associado a dificuldades de regulação emocional, a psicopatologia e à capacidade de responder de forma adaptativa. Diversos autores apresentam o mesmo produto e confirmam que o abuso emocional está associado a dificuldades de regulação emocional (Choi et al., 2014; ElBarazi, 2023; Racina & Wildes, 2015), assim como, desregulação emocional (Burns et al., 2010; Christ et al., 2019; Racina & Wildes, 2015). Acresce que o abuso emocional estava associado à saúde mental de forma negativa (Korolevskaia & Yampolskaya, 2023), pelo que se verificou consequências pejorativas, como o surgimento de psicopatologia, tal como sintomas depressivos (Christ et al., 2019; Zhou & Zhen, 2022) e sintomas de Anorexia Nervosa (Racina & Wildes, 2015).

Os resultados sugerem que existe uma relação entre a desinibição e os abusos emocionais, físicos e sexuais experienciados durante a infância, assim como dificuldades de regulação emocional, nomeadamente, controlo de impulsos e falta de consciência moral. Isto segue a linha de outros autores que corroboram que a desinibição é causada principalmente pelo abuso físico e sexual (Back et al., 2020), assim como o abuso emocional (Moreira et al., 2024). Num estudo de Syrjämäki et al. (2024), verificou-se uma associação entre dificuldades de regulação emocional e a desinibição online, onde a regulação das emoções desempenha um papel fundamental pois as pessoas que melhor se autorregulam conseguem inibir os seus comportamentos, demonstrando menores dificuldades de controlo de impulsos. Além destes resultados, a maldade foi associada ao

abuso sexual e à negligência física, assim como a audácia foi relacionada ao abuso físico e ambas as descobertas vão ao encontro do estudo de Moreira et al. (2024), que comprova os resultados obtidos.

Apurou-se, através dos resultados, que a negligência emocional infantil tem um efeito no aumento de problemas nas relações sociais, através das dificuldades de regulação emocional. Segundo Salzman et al. (2022), a negligência emocional aumenta as dificuldades de relacionamento interpessoal. Isto pode explicar-se devido às crianças negligenciadas não conseguirem dar resposta às demonstrações emocionais de outros e terem baixos níveis de consciência emocional (Shipman et al., 2005) pois, estas crianças exibem um elevado grau de alexitimia (Aust et al., 2013). Segundo Aust et al. (2013), alexitimia caracteriza-se por dificuldades em identificar, descortinar e verbalizar o próprio estado emocional, assim como outros aspetos emocionais presentes no processo de interação social. Posto isto, a negligência emocional associa-se a dificuldades de regulação emocional (Aust et al., 2013; ElBarazi, 2023).

De acordo com os resultados apurados, as estratégias desadaptativas, como é o caso da supressão expressiva, têm impacto na relação entre o abuso infantil e cognições e comportamentos negativos futuros. Segundo O’Leary e Gould (2010), crianças que foram vítimas de abuso tendem a fazer maior uso de supressão e negação e, ao empregarem estas estratégias, sentimentos de autculpabilização surgiram, o que acaba por impactar negativamente a saúde mental. Além disso, estas estratégias foram também associadas a comportamentos pejorativos como o abuso de substâncias (O’Leary & Gould, 2010) e a automutilação e comportamentos suicidas (McLafferty et al., 2020). Por outro lado, alguns autores verificaram que o uso de estratégias adaptativas, como é o caso da reavaliação cognitiva, foram associadas a menores problemas e sofrimento psicológico (Brewer et al., 2016; McLafferty et al., 2020), maior bem-estar, funcionamento social e padrões de afeto mais saudáveis (John & Gross, 2004). Ainda, verificou-se que as estratégias adaptativas estavam associadas a menores dificuldades na saúde mental, ao contrário das desadaptativas. Diversos autores referem que estratégias adaptativas estão associadas a um maior bem-estar psicológico (Brewer et al., 2016; John & Gross, 2004), menores níveis de sintomatologia depressiva e ansiógena, assim como comportamentos autolesivos (McLafferty et al., 2020). Por outro lado, as estratégias maladaptativas, como a supressão, têm um impacto negativo na saúde mental (O’Leary & Gould, 2010) e relacionam-se com o desenvolvimento de psicopatologia (John & Gross, 2004; McLafferty et al., 2020).

Nos resultados observou-se uma maior intensidade emocional em imagens positivas do que negativas, em indivíduos com histórico de abuso. Wooten et al. (2024) suportam esta hipótese, uma vez que estas pessoas apresentam muitas vezes dificuldades em regular emoções positivas, podendo levar a respostas emocionais mais intensas. Além disso, este resultado, pode também dever-se a uma tentativa de compensar as experiências traumáticas que sofreram no passado, ampliando as emoções positivas (Wooten et al., 2024). Isto vai ao encontro dos resultados apurados, de que ensaios sem instrução obtêm classificações mais elevadas, com a presença de emoções mais intensas. Os resultados obtidos apontam também para a reavaliação como a estratégia mais eficaz para regular emoções positivas, negativas e na diminuição da intensidade emocional, quando comparada com a aceitação e com um grupo sem instrução. Segundo Hamza et al. (2024), a aceitação não é eficaz na redução de emoções negativas. Wooten et al. (2024), por seu turno, referem que a reavaliação se mostrou eficaz na diminuição emocional e que esta estratégia é muitas vezes aplicada quando o objetivo é reduzir emoções negativas e aumentar as positivas (Gross, 2015a; Ion et al., 2023; Vaz et al., 2008; Wooten et al., 2022). Os mesmos autores destacam, ainda, o uso de autocompaixão, como uma estratégia tanto ou mais eficaz que a reavaliação, em reduzir emoções negativas. Para além disso, e de acordo com Hamza et al. (2024), a reavaliação cognitiva demonstrou ser a forma mais eficaz de reduzir emoções negativas, quando comparada com a aceitação e o grupo de controlo; contudo, tal não diminui a utilidade da aceitação, uma vez que ao usar imagens fortes, algumas estratégias podem ser mais favoráveis do que outras (Hamza et al., 2024).

Segundo os resultados apurados dos artigos incluídos na RSL, os primogénitos apresentam mais dificuldades de regulação emocional e maior desregulação emocional, quando comparados com os restantes filhos. Perante a literatura encontrada, a chegada de uma nova criança, de um irmão/ã, vai afetar a dinâmica anteriormente estabelecida e por isso, esse é um momento de ajustamento para todos os intervenientes. A vinda de uma nova criança acarreta implicações emocionais, especialmente para o primogénito, uma vez que a mãe não consegue mobilizar a sua atenção, afeto e carinho unicamente para o seu primeiro filho, como fazia (Oliveira & Lopes, 2010). De acordo com Pires (2022), filhos não primogénitos apresentam níveis de regulação emocional mais elevados, do que os primeiros filhos. Alguns fatores que podem contribuir para a proteção ou melhor desfecho emocional do primogénito é a própria capacidade de regulação emocional dos progenitores, quanto maior for, menor é a probabilidade de o primogénito desenvolver dificuldades ou desregulação emocional (Zimmer-Gembeck et al., 2022). Além disto, Pires (2022) descobriu uma correlação positiva entre as habilitações literárias dos pais e a capacidade de regulação emocional das crianças.

Ainda, tal como foi referido anteriormente, o desenvolvimento de uma vinculação segura na infância, é um fator determinante para desenvolver uma regulação emocional saudável (Dvir et al., 2014).

No que diz respeito aos resultados referentes aos grupos de PHDA e PPB, estes apresentaram maior desregulação emocional e uso frequente de estratégias emocionais desadaptativas, quando comparado com um grupo de controlo. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Marco et al. (2024), comprovando que o grupo de PPB apresentava pontuações mais elevadas de desregulação emocional e menos capacidade de nomear as emoções, em comparação com o grupo de controlo. Além disso, pessoas com PPB tendem a usufruir com maior incidência de estratégias desadaptativas, como a supressão, ruminação e evitamento, e, menos estratégias adaptativas, como a reavaliação cognitiva e a autocompaixão (Salgó et al., 2021). Quanto aos indivíduos com PHDA, estes apresentam mais dificuldades de regulação emocional (Aslan et al., 2024) e, semelhante às pessoas com PPB, também utilizam a supressão como estratégias para lidar com as suas emoções (Materna et al., 2019).

Os resultados sugerem que um baixo nível de *distress* está associado a mais emoções positivas e, por outro lado, maiores níveis de *distress* dizem respeito a emoções negativas mais elevadas e menos positivas. Tendo em conta que o *distress* é caracterizado por um estado de sofrimento emocional associado a sintomatologia depressiva e emoções como a tristeza (Drapeau et al., 2012), a ligação entre altos níveis de *distress* e emoções negativas parece fundamentada.

No que diz respeito às mães que experienciaram maus-tratos infantis, estas estavam mais propensas a apresentar comportamentos carentes de apoio para com os filhos, em momentos de elevada dificuldade em regular as emoções. McCullough et al. (2017), verificaram que as mães maltratadas na infância apresentavam maior probabilidade de exibirem comportamentos parentais emocionalmente pobres, em contexto de alta desregulação emocional. Na mesma linha, Cabecinha et al. (2024) indicam que as mães que não foram capazes de lidar com o abuso experienciado, têm maior probabilidade de se envolverem em comportamentos ausentes de apoio. Os resultados obtidos apontam também para a ligação entre uma maior frequência de comportamentos carentes de apoio e mais dificuldades de regulação emocional em adultos. Cabecinha et al. (2020) corroboram esta relação, afirmando que a perceção dos adultos sobre tais comportamentos durante a infância está relacionado com níveis mais baixos de competência de regulação emocional, inclusive, maior uso de estratégias desadaptativas em adulto. A partir dos resultados encontrados, apurou-se um efeito

indireto entre as mães maltratadas na infância (com elevadas dificuldades de regulação emocional) e as dificuldades de regulação emocional dos jovens. Segundo Zimmer-Gembeck et al. (2022), pais com menores dificuldades emocionais, com maior consciência emocional e acesso a estratégias adaptativas, têm filhos com menos problemas de regulação e sintomas internalizantes e externalizantes. Ao fornecer apoio, os pais permitem às crianças desenvolver competências emocionais e melhor capacidade de regular as suas emoções (Cabecinha et al., 2020). Ainda, os resultados apontam para a relação entre dificuldades maternas de controlo de impulsos e comportamentos carentes de apoio e, Cabecinha et al. (2024) suportam esta ideia.

Limitações

A presente RSL, tal como outros projetos, tem as suas limitações e é importante mencioná-las para que trabalhos futuros possam-nas ter em conta e produzir um trabalho com o maior rigor e fiabilidade.

Uma das possíveis limitações nesta RSL, centra-se no intervalo de tempo escolhido para a seleção dos estudos. Embora se tenha optado por um intervalo de estudos mais recente, entre 2019 e 2024, de maneira a manter a revisão atualizada, isto pode limitar de certa forma o alcance do estudo ao excluir literatura relevante mais antiga.

Outra limitação, diz respeito à exclusão de artigos indisponíveis, os quais, numa fase inicial, pareciam promissores para a RSL.

Ainda, a inclusão de documentos apenas em Português e Inglês, pode introduzir um viés cultural, uma vez que a experiência de maus-tratos infantis e estratégias de regulação emocional são moldadas por contextos socioculturais distintos.

Indo ao encontro da limitação supracitada, devido aos estudos incluídos refletirem contextos culturais específicos, isto pode limitar a generalização dos resultados obtidos para outras populações.

Por fim, a última limitação consiste na diversidade de definições de maus-tratos infantis e estratégias de regulação emocional que pode dificultar comparações diretas, tais como diferenças nos critérios de diagnóstico e as formas de avaliar a regulação emocional.

Considerações Finais

A RSL tinha como objetivo compreender a relação entre maus-tratos infantis e as estratégias de regulação emocional que os adultos adotam e utilizam na sua vida. Em termos gerais, os resultados suportam aquela relação. Mais especificamente, que maus-tratos infantis impactam negativamente na capacidade de regulação emocional dos indivíduos ao longo da sua vida. Verificou-se que os adultos que foram vítimas de maus-tratos infantis apresentam maiores dificuldades de regulação emocional e fazem maior uso de estratégias desadaptativas como a supressão e a ruminação. Além disto, estes padrões desadaptativos estão associados a resultados negativos ao nível da saúde mental, nomeadamente, apresentam maior probabilidade de desenvolverem psicopatologias depressivas e ansiógenas.

Ainda, verificou-se o papel fulcral que os cuidadores desempenham no desenvolvimento emocional da criança. Cuidadores que oferecem suporte emocional, segurança e no geral, um ambiente que permita às crianças explorar as suas emoções sem punições, leva a um melhor funcionamento e desenvolvimento emocional. Pelo que ambientes punitivos, com parentalidade severa e menor abertura para expressar e explorar as emoções, leva a criança a gerar maiores dificuldades emocionais.

Posto isto, este trabalho contribui para reforçar a urgência de criar programas preventivos direcionados a crianças vítimas de maus-tratos, em específico, na promoção de estratégias de regulação emocional adaptativas, como é o caso da reavaliação e aceitação, de forma a mitigar o uso de estratégias desadaptativas que conduzem a malefícios ao nível da saúde mental.

Referências

- Ali, P. I., & Yousaf, T. (2022). Emotional Dysregulation among Young Adults: Relationship with Childhood Emotional Abuse. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 37(4). <https://doi.org/10.33824/PJPR.2022.37.4.36>
- Aliyari, F., Bakhtiari, M., Khalili, Z., & Arzpeyma, M. (2024). Use of Suppression as an Emotional Regulation Strategy in Iranian Adolescents Who Have Experienced Childhood Traumas. *Applied Psychology for Health Promotion*, 1(1). <https://doi.org/10.5812/aphp-147776>
- Aslan, I. H., Dorey, L., Grant, J. E., & Chamberlain, S. R. (2024). Emotion regulation across psychiatric disorders. *CNS Spectrums*, 29(3), 215-220. <https://doi.org/10.1017/S1092852924000270>
- Aust, S., Härtwig, E. A., Heuser, I., & Bajbouj, M. (2013). The role of early emotional neglect in alexithymia. *Psychological trauma: Theory, research, practice, and policy*, 5(3), 225. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0027314>
- Back, S. N., Zettl, M., Bertsch, K., & Taubner, S. (2020). Personality functioning, maladaptive traits, and childhood trauma. *Psychotherapeut*, 65, 374-382. <https://doi.org/10.1007/s00278-020-00445-7>
- Barker, T. H., Stone, J. C., Sears, K., Klugar, M., Leonardi-Bee, J., Tufanaru, C., Edoardo, A. & Munn, Z. (2023). Revising the JBI quantitative critical appraisal tools to improve their applicability: An overview of methods and the development process. *JBI Evidence Synthesis*, 21(3), 478-493. <https://doi.org/10.11124/JBIES-22-00125>
- Berzenski, S. R. (2019). Distinct emotion regulation skills explain psychopathology and problems in social relationships following childhood emotional abuse and neglect. *Development and psychopathology*, 31(2), 483-496. <https://doi.org/10.1017/s0954579418000020>
- Brewer, S. K., Zahniser, E., & Conley, C. S. (2016). Longitudinal impacts of emotion regulation on emerging adults: Variable- and person-centered approaches. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 47, 1-12. <http://dx.doi.org/10.1016/j.appdev.2016.09.002>

- Brumariu, L. E. (2015). Parent–child attachment and emotion regulation. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2015(148), 31-45.
<https://doi.org/10.1002/cad.20098>
- Burns, E. E., Jackson, J. L., & Harding, H. G. (2010). Child maltreatment, emotion regulation, and posttraumatic stress: The impact of emotional abuse. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(8), 801-819.
<https://doi.org/10.1080/10926771.2010.522947>
- Cabecinha-Alati, S., Montreuil, T. C., & Langevin, R. (2022). The role of maternal child maltreatment history and unsupportive emotion socialization in the intergenerational transmission of emotion regulation difficulties. *Child Abuse & Neglect*, 129, 105661. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105661>
- Cabecinha-Alati, S., Montreuil, T. C., Pirro, T., & Langevin, R. (2024). Multilevel Factors Associated with Unsupportive Emotion Socialization: An Examination of Child Maltreatment and its Sequelae. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 1-16. <https://doi.org/10.1007/s40653-024-00640-7>
- Cabecinha-Alati, S., O'Hara, G., Kennedy, H., & Montreuil, T. (2020). Parental emotion socialization and adult outcomes: the relationships between parental supportiveness, emotion regulation, and trait anxiety. *Journal of Adult Development*, 27(4), 268-280. <https://doi.org/10.1007/s10804-019-09340-1>
- Camilo, C., & Garrido, M. V. (2019). A revisão sistemática de literatura em Psicologia: Desafios e orientações (Systematic literature review in Psychology: Challenges and guidelines). *Análise Psicológica*, 37, 535–552.
<https://doi.org/10.14417/ap.1546>
- Choi, J. Y., Choi, Y. M., Gim, M. S., Park, J. H., & Park, S. H. (2014). The effects of childhood abuse on symptom complexity in a clinical sample: Mediating effects of emotion regulation difficulties. *Child Abuse & Neglect*, 38(8), 1313-1319. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.04.016>
- Christ, C., De Waal, M. M., Dekker, J. J., van Kuijk, I., Van Schaik, D. J., Kikkert, M. J., Goudriaan, A. E., Beekman, A. T. F. & Messman-Moore, T. L. (2019). Linking childhood emotional abuse and depressive symptoms: The role of emotion dysregulation and interpersonal problems. *PLoS One*, 14(2), e0211882.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211882>

- Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2005). Child maltreatment. *Annual Review of Clinical Psychology, 1*, 409–438.
<https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.144029>
- Cole, P. M., Ramsook, K. A., & Ram, N. (2019). Emotion dysregulation as a dynamic process. *Development and Psychopathology, 31*(3), 1191-1201.
<https://doi.org/10.1017/S0954579419000695>
- D'Agostino, A., Covanti, S., Rossi Monti, M., & Starcevic, V. (2017). Reconsidering emotion dysregulation. *Psychiatric Quarterly, 88*, 807-825.
<https://doi.org/10.1007/s11126-017-9499-6>
- Delaney-Black, V., Covington, C., Ondersma, S. J., Nordstrom-Klee, B., Templin, T., Ager, J., Janisse, J. & Sokol, R. J. (2002). Violence exposure, trauma, and IQ and/or reading deficits among urban children. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine, 156*(3), 280-285.
<https://doi.org/10.1001/archpedi.156.3.280>
- de Pina Reis, M. S., Laura, A., Soares Fernandes Centro, M., de Faria, G. V., & Regina, M. (2021). *Traumas na Infância e Regulação Emocional na Vida Adulta*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário de Anápolis – UNIEVANGÉLICA]. Repositório Institucional Associação Educativa Evangélica. <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/18838>
- Drapeau, A., Marchand, A., & Beaulieu-Prévost, D. (2012). Epidemiology of psychological distress. *Mental Illnesses-Understanding, Prediction and Control, 69*(2), 105-106. <http://dx.doi.org/10.5772/30872>
- Duarte, M. S. L. (2014). *A influência da percepção da vinculação aos pais no uso de estratégias de regulação emocional em adolescentes*. [Master's thesis, Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/25684>
- D'Urso, G., Petruccelli, I., Costantino, V., Zappulla, C., & Pace, U. (2019). The role of moral disengagement and cognitive distortions toward children among sex offenders. *Psychiatry, Psychology and Law, 26*(3), 414-422.
<https://doi.org/10.1080/13218719.2018.1506718>

- Dvir, Y., Ford, J. D., Hill, M., & Frazier, J. A. (2014). Childhood maltreatment, emotional dysregulation, and psychiatric comorbidities. *Harvard Review of Psychiatry*, 22(3), 149-161. <https://doi.org/10.1097/HRP.0000000000000014>
- Easton, S. D., Saltzman, L. Y., & Willis, D. G. (2014). "Would you tell under circumstances like that?": Barriers to disclosure of child sexual abuse for men. *Psychology of Men & Masculinity*, 15(4), 460. <http://dx.doi.org/10.1037/a0034223>
- ElBarazi, A. S. (2023). Childhood Maltreatment and its Mental Health Consequences among University's Students. *The Family Journal*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/10664807231157022>
- Ferro, L. R. M., de Oliveira, A. J., & Casanova, G. B. (2023). Os impactos da violência no desenvolvimento infantil. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, 4(4), e442952-e442952. <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i4.2952>
- Fonseca, A. C. D. S., Ferreira, L. S., Zimmer, M., & Paludo, S. D. S. (2021). Afeto e regulação emocional entre crianças com e sem histórico de abuso sexual infantil. *Contextos Clínicos*, 14(2), 487-510. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.142.06>
- Gross, J. J., & Thompson, R. A. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of Emotion Regulation* (pp. 3-24). https://www.researchgate.net/publication/378042736_Narrating_anger_appropriately_Implications_for_narrative_form_and_successful_coping
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, 2(3), 271-299. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.2.3.271>
- Gross J. J. (2002). Emotion regulation: affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, 39(3), 281-291. <https://doi.org/10.1017/S0048577201393198>
- Gross, J. J. (2015a). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological Inquiry*, 26(1), 1-26. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.940781>

- Gross, J. J. (2015b). The extended process model of emotion regulation: Elaborations, applications, and future directions. *Psychological Inquiry*, 26(1), 130-137.
<https://doi.org/10.1080/1047840X.2015.989751>
- Gruhn, M. A., & Compas, B. E. (2020). Effects of maltreatment on coping and emotion regulation in childhood and adolescence: A meta-analytic review. *Child Abuse & Neglect*, 103, 104446. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104446>
- Hamza, J., Vytykačová, S., Janšáková, K., & Rajčáni, J. (2024). Cognitive reappraisal and acceptance following acute stress. *Stress and Health*, 40(5), e3469.
<https://doi.org/10.1002/smi.3469>
- Hay, E. L., & Diehl, M. (2011). Emotion complexity and emotion regulation across adulthood. *European Journal of Ageing*, 8, 157-168.
<https://doi.org/10.1007/s10433-011-0191-7>
- Heleniak, C., Jenness, J. L., Vander Stoep, A., McCauley, E., & McLaughlin, K. A. (2016). Childhood maltreatment exposure and disruptions in emotion regulation: A transdiagnostic pathway to adolescent internalizing and externalizing psychopathology. *Cognitive Therapy and Research*, 40, 394-415. DOI: 10.1007/s10608-015-9735-z
- Hoffman, S. N., Stein, M. B., & Taylor, C. T. (2023). Childhood trauma predicts positive expressive suppression during social affiliation in adults with anxiety and/or depression: Implications for social functioning. *Behavior Therapy*, 54(2), 375-385. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2022.10.003>
- Horswell, B. B., & Istfan, S. (2012). Child maltreatment. *Oral and Maxillofacial Surgery Clinics of North America*, 24(3), 511-517.
<https://doi.org/10.1016/j.coms.2012.04.002>
- Ion, A., Bîlc, M. I., Pițur, S., Pop, C. F., Szentágotai-Tătar, A., & Miu, A. C. (2023). Childhood maltreatment and emotion regulation in everyday life: An experience sampling study. *Scientific Reports*, 13(1), 7214.
<https://doi.org/10.1038/s41598-023-34302-9>
- Joanna Briggs Institute (2020). *Checklist for analytical cross sectional studies*. JBI.
<https://jbi.global/critical-appraisal-tools>

- John, O. P., & Gross, J. J. (2004). Healthy and unhealthy emotion regulation: Personality processes, individual differences, and life span development. *Journal of Personality*, 72(6), 1301-1334.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2004.00298.x>
- Kim, M. S., Kim, K., Nam, J., Lee, S. J., & Lee, S. W. (2024). Impact of childhood maltreatment on cognitive function and its relationship with emotion regulation in young adults. *Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 35(3), 155. <https://doi.org/10.5765/jkacap.240001>
- Korolevskaia, A., & Yampolskaya, S. (2023). The consequences of childhood emotional abuse: A systematic review and content analysis. *Families in Society*, 104(2), 167-178. <https://doi.org/10.1177/10443894221124565>
- Lavi, I., Katz, L. F., Ozer, E. J., & Gross, J. J. (2019). Emotion reactivity and regulation in maltreated children: A meta-analysis. *Child Development*, 90(5), 1503-1524.
<https://doi.org/10.1111/cdev.13272>
- Lee, S. W., Won, S., & Jeong, B. (2019). Moderating effect of emotional awareness on the association between maltreatment experiences and resilience. *Personality and Individual Differences*, 148, 38-44.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.037>
- Letkiewicz, A. M., Weldon, A. L., Tengshe, C., Niznikiewicz, M. A., & Heller, W. (2021). Cumulative childhood maltreatment and executive functioning in adulthood. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 30(4), 547-563.
<https://doi.org/10.1080/10926771.2020.1832171>
- Liu, S., Ahemaitijiang, N., Xu, J., Liu, Y., Chen, L., & Han, Z. R. (2024). Patterns of childhood maltreatment influence sleep quality: The role of emotion regulation. *Development and Psychopathology*, 36(3), 1388-1398.
<https://doi.org/10.1017/S0954579423000597>
- Lu, X., Li, Z., Zhu, X., Li, D., & Wei, J. (2024). The Role of Alexithymia and Moral Disengagement in Childhood Physical Abuse and Depressive Symptoms: A Comparative Study Among Rural and Urban Chinese College Students. *Psychology Research and Behavior Management*, 3197-3210.
<https://doi.org/10.2147/PRBM.S466379>

- Lynch, K. S., & Widom, C. S. (2022). Childhood maltreatment and cognitive functioning in middle adulthood. *Child Abuse & Neglect*, *132*, 105791. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105791>
- Maftai, A., Bostan, C. M., & Zaharia, D. V. (2021). Hostility and civic moral disengagement: Cognitive reappraisal and expressive suppression as moderators. *Journal of Moral Education*, *50*(2), 202-218. <https://doi.org/10.1080/03057240.2019.1691512>
- Maftai, A., & Nițu, Ș. (2024). Does childhood maltreatment make us more morally disengaged? The indirect effect of expressive suppression. *Ethics & Behavior*, *34*(2), 104-119. <https://doi.org/10.1080/10508422.2022.2162522>
- Maughan, A., & Cicchetti, D. (2002). Impact of child maltreatment and interadult violence on children's emotion regulation abilities and socioemotional adjustment. *Child Development*, *73*(5), 1525-1542. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00488>
- Marco, S., Mayoral, M., & Hervás, G. (2024). Differences in mindfulness, rearing styles and emotion dysregulation between adolescents with borderline personality disorder features and a control group. *Current Psychology*, *43*(18), 16228-16236. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-05565-2>
- Materna, L., Wiesner, C. D., Shushakova, A., Trieloff, J., Weber, N., Engell, A., Schubotz, R. I., Bauer, J., Pedersen, A. & Ohrmann, P. (2019). Adult patients with ADHD differ from healthy controls in implicit, but not explicit, emotion regulation. *Journal of Psychiatry and Neuroscience*, *44*(5), 340-349. <https://doi.org/10.1503/jpn.180139>
- McCullough, C., Han, Z. R., Morelen, D., & Shaffer, A. (2017). The moderating effects of maternal age at childbirth and emotion dysregulation on the intergenerational continuity of emotionally unsupportive parenting behaviors. *Journal of Family Issues*, *38*(7), 948-971. <https://doi.org/10.1177/0192513X15597290>
- McLafferty, M., Bunting, B. P., Armour, C., Lapsley, C., Ennis, E., Murray, E., & O'Neill, S. M. (2020). The mediating role of emotion regulation strategies on psychopathology and suicidal behaviour following negative childhood experiences. *Children and Youth Services Review*, *116*, 105212. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105212>

- McRae, K., & Gross, J. J. (2020). Emotion regulation. *Emotion*, 20(1), 1–9.
<http://dx.doi.org/10.1037/emo0000703>
- Mikkelsen, M. B., O'Toole, M. S., Elkjær, E., & Mehlsen, M. (2024). The effect of age on emotion regulation patterns in daily life: Findings from an experience sampling study. *Scandinavian Journal of Psychology*, 65(2), 231-239.
<https://doi.org/10.1111/sjop.12970>
- Moreira, D., Silva, C., Moreira, P., Pinto, T. M., Costa, R., Lamela, D., Jongenelen, I. & Pasion, R. (2024). Addressing the Complex Links between Psychopathy and Childhood Maltreatment, Emotion Regulation, and Aggression—A Network Analysis in Adults. *Behavioral Sciences*, 14(2), 115.
<https://doi.org/10.3390/bs14020115>
- Moreira, P., Silva, C., Leite, Â., & Moreira, D. (2024). Is the fact of having been victims of childhood emotional abuse and/or neglect found in the aggressors' history?. *European Journal of Trauma & Dissociation*, 8(3), 100437.
<https://doi.org/10.1016/j.ejtd.2024.100437>
- Mothes, L., Kristensen, C. H., Grassi-Oliveira, R., Fonseca, R. P., de Lima Argimon, I. I., & Irigaray, T. Q. (2015). Childhood maltreatment and executive functions in adolescents. *Child and Adolescent Mental Health*, 20(1), 56-62.
<https://doi.org/10.1111/camh.12068>
- Munn, Z., Stone, J. C., Aromataris, E., Klugar, M., Sears, K., Leonardi-Bee, J., & Barker, T. H. (2023). Assessing the risk of bias of quantitative analytical studies: Introducing the vision for critical appraisal within JBI systematic reviews. *JBI Evidence Synthesis*, 21(3), 467-471. <https://doi.org/10.11124/JBIES-22-00224>
- Nurius, P. S., Uehara, E., & Zatzick, D. F. (2013). Intersection of stress, social disadvantage, and life course processes: Reframing trauma and mental health. *American Journal of Psychiatric Rehabilitation*, 16(2), 91-114.
<https://doi.org/10.1080/15487768.2013.789688>
- O'Leary, P. J., & Gould, N. (2010). Exploring coping factors amongst men who were sexually abused in childhood. *British Journal of Social Work*, 40(8), 2669-2686. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcq098>

- Oliveira, D. S. D., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo, 15*, 97-106.
- O'Mahen, H. A., Karl, A., Moberly, N., & Fedock, G. (2015). The association between childhood maltreatment and emotion regulation: Two different mechanisms contributing to depression? *Journal of Affective Disorders, 174*, 287-295. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.11.028>
- Oshri, A., Sutton, T. E., Clay-Warner, J., & Miller, J. D. (2015). Child maltreatment types and risk behaviors: Associations with attachment style and emotion regulation dimensions. *Personality and Individual Differences, 73*, 127-133. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.09.015>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *International Journal of Surgery, 88*, 105906. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Page, M. J., Moher, D., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... McKenzie, J. E. (2021). PRISMA 2020 explanation and elaboration: Updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *The British Medical Journal, 372*. <https://doi.org/10.1136/bmj.n160>
- Pires, E. M. V. D. O. (2022). *O papel mediador da regulação emocional na relação entre a vinculação e a empatia* [Doctoral dissertation, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório Institucional do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Racine, S. E., & Wildes, J. E. (2015). Emotion dysregulation and anorexia nervosa: An exploration of the role of childhood abuse. *International Journal of Eating Disorders, 48*(1), 55-58. <https://doi.org/10.1002/eat.22364>

- Réus, J. (2011). Análise da qualidade metodológica de estudos observacionais (coorte, caso-controle e transversal) com as ferramentas do Joanna Briggs Institute (JBI). In G. de L. Canto, C. M. Stefani, C. Massignan (org.). *Risco de viés em revisões sistemáticas: guia prático*. (Cap. 11). Centro Brasileiro de Pesquisas Baseadas em Evidências.
- Riediger, M., & Bellingier, J. A. (2022). Emotion regulation across the lifespan. *The Oxford Handbook of Emotional Development*, 92-109.
<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198855903.013.6>
- Roberts, A. L., Sumner, J. A., Koenen, K. C., Kubzansky, L. D., Grodstein, F., Rich-Edwards, J., & Weisskopf, M. G. (2022). Childhood abuse and cognitive function in a large cohort of middle-aged women. *Child Maltreatment*, 27(1), 100-113. <https://doi.org/10.1177/1077559520970647>
- Romano, E., Babchishin, L., Marquis, R., & Fréchette, S. (2015). Childhood maltreatment and educational outcomes. *Trauma, Violence, & Abuse*, 16(4), 418-437. <https://doi.org/10.1177/1524838014537908>
- Romano, E., Moorman, J., Ressel, M., & Lyons, J. (2019). Men with childhood sexual abuse histories: Disclosure experiences and links with mental health. *Child Abuse & Neglect*, 89, 212-224. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.12.010>
- Rowell, T., & Neal-Barnett, A. (2022). A systematic review of the effect of parental adverse childhood experiences on parenting and child psychopathology. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 15(1), 167-180.
<https://doi.org/10.1007/s40653-021-00400-x>
- Rüfenacht, E., Pham, E., Nicastro, R., Dieben, K., Hasler, R., Weibel, S., & Perroud, N. (2021). Link between history of childhood maltreatment and emotion dysregulation in adults suffering from attention deficit/hyperactivity disorder or borderline personality disorder. *Biomedicines*, 9(10), 1469.
<https://doi.org/10.3390/biomedicines9101469>
- Salgó, E., Szeghalmi, L., Bajzát, B., Berán, E., & Unoka, Z. (2021). Emotion regulation, mindfulness, and self-compassion among patients with borderline personality disorder, compared to healthy control subjects. *Plos one*, 16(3), e0248409.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0248409>

- Salzmann, S., Salzmann-Djufri, M., & Euteneuer, F. (2022). Childhood emotional neglect and cardiovascular disease: A narrative review. *Frontiers in Cardiovascular Medicine*, 9, 815508.
<https://doi.org/10.3389/fcvm.2022.815508>
- Shipman, K., Edwards, A., Brown, A., Swisher, L., & Jennings, E. (2005). Managing emotion in a maltreating context: A pilot study examining child neglect. *Child Abuse & Neglect*, 29(9), 1015-1029.
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.01.006>
- Silva, F. M., & Mota, C. P. (2018). Vinculação aos pais, adversidade na infância e desenvolvimento de psicopatologia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 175-192.
- Simkiss, D. (2004). Child maltreatment. *Journal of Tropical Pediatrics*, 50(2), 64-66.
<https://doi.org/10.1093/tropej/50.2.64>
- Snow, J., Moorman, J., & Romano, E. (2022). Emotion regulation and mental health among men with childhood sexual abuse histories. *Journal of Child Sexual Abuse*, 31(4), 412-430. <https://doi.org/10.1080/10538712.2021.1970677>
- Spann, M. N., Mayes, L. C., Kalmar, J. H., Guiney, J., Womer, F. Y., Pittman, B., Mazure, C. M., Sinha, R. & Blumberg, H. P. (2012). Childhood abuse and neglect and cognitive flexibility in adolescents. *Child Neuropsychology*, 18(2), 182-189. <https://doi.org/10.1080/09297049.2011.595400>
- Syrjämäki, A. H., Ilves, M., Olsson, T., Kiskola, J., Isokoski, P., Rantasila, A., Bente, G. & Surakka, V. (2024). Online disinhibition mediates the relationship between emotion regulation difficulties and uncivil communication. *Scientific Reports*, 14(1), 1-11. <https://doi.org/10.1038/s41598-024-81086-7>
- Warmingham, J. M., Russotti, J., Handley, E. D., Toth, S. L., & Cicchetti, D. (2023). Childhood attachment security mediates the effect of childhood maltreatment chronicity on emotion regulation patterns in emerging adulthood. *Attachment & Human Development*, 25(3-4), 437-459.
<https://doi.org/10.1080/14616734.2023.2234891>
- Warmingham, J. M., Duprey, E. B., Handley, E. D., Rogosch, F. A., & Cicchetti, D. (2023). Patterns of childhood maltreatment predict emotion processing and

- regulation in emerging adulthood. *Development and Psychopathology*, 35(2), 766-781. <https://doi:10.1017/S0954579422000025>
- Wooten, W., Heyn, S., & Herringa, R. (2024). A comparison of reappraisal and self-compassion as an emotion regulation strategy in the context of maltreatment. *Child Abuse & Neglect*, 107063. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2024.107063>
- Wooten, W., Laubaucher, C., George, G. C., Heyn, S., & Herringa, R. J. (2022). The impact of childhood maltreatment on adaptive emotion regulation strategies. *Child Abuse & Neglect*, 125, 105494. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105494>
- Yaroslavsky, I., Bush, A. H., & France, C. M. (2022). Emotion regulation deficits mediate childhood sexual abuse effects on stress sensitization and depression outcomes. *Development and Psychopathology*, 34(1), 157-170. <https://doi.org/10.1017/S095457942000098x>
- Zhang, Y., Xu, W., McDonnell, D., & Wang, J. L. (2024). The relationship between childhood maltreatment subtypes and adolescent internalizing problems: The mediating role of maladaptive cognitive emotion regulation strategies. *Child Abuse & Neglect*, 152, 106796. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2024.106796>
- Zhao, D., & Zhang, J. (2024). The effects of working memory training on attention deficit, adaptive and non-adaptive cognitive emotion regulation of Chinese children with Attention Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD). *BMC Psychology*, 12(1), 59. <https://doi.org/10.1186/s40359-024-01539-6>
- Zhou, X., & Zhen, R. (2022). How do physical and emotional abuse affect depression and problematic behaviors in adolescents? The roles of emotional regulation and anger. *Child Abuse & Neglect*, 129, 105641. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2022.105641>
- Zimmer-Gembeck, M. J., Rudolph, J., Kerin, J., & Bohadana-Brown, G. (2022). Parent emotional regulation: A meta-analytic review of its association with parenting and child adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 46(1), 63-82. <https://doi.org/10.1177/01650254211051086>

Anexo(s)

Anexo 1 - *JBI Critical Appraisal Checklist for Analytical Cross Sectional Studies (JBI, 2020)*

JBI CRITICAL APPRAISAL CHECKLIST FOR ANALYTICAL CROSS SECTIONAL STUDIES

Reviewer _____ Date _____

Author _____ Year _____ Record Number _____

	Yes	No	Unclear	Not applicable
1. Were the criteria for inclusion in the sample clearly defined?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Were the study subjects and the setting described in detail?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Was the exposure measured in a valid and reliable way?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Were objective, standard criteria used for measurement of the condition?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Were confounding factors identified?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Were strategies to deal with confounding factors stated?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Were the outcomes measured in a valid and reliable way?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Was appropriate statistical analysis used?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Overall appraisal: Include Exclude Seek further info

Comments (Including reason for exclusion)
